

Romance mediúnico espírita

Lição de Honza



Ana Lúcia de Oliveira Gobbi

inspirado pelos espíritos Joel Santiago e Irmã Gertrudes



MYTHOS BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LIÇÃO DE HONRA

Ana Lúcia Gobbi

Inspirado mediunicamente pelos Espíritos
Joel Santiago e Irmã Gertrudes

MYTHOS BOOKS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santiago, Joel (Espírito).

Lição de honra/ inspirado mediunicamente pelos
espíritos Joel Santiago e Irmã Gertrudes;
[psicografado por] Ana Lúcia Gobbi. - - São Paulo:

ISBN 978-85-7867-001-6

1. Espiritismo 2. Psicografia 3.
Romance espírita I. Gertrudes, Irmã. II.
Gobbi, Ana Lúcia. III. Títulos

08-07655

CDD-133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances espíritas psicografados: Espiritismo

LIÇÃO DE HONRA

Autor (médiun): Ana Lúcia Gobbi

AUTORES (espíritos): Joel Santiago e Irmã Gertrudes

DIAGRAMAÇÃO: Flavio F. Soares

REVISÃO: Jonas Bravo e Rodrigo Cozzato

DISTRIBUIÇÃO: Adriana Costa

adriana@mythoseditora.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR: Tel.: (11) 3021-6607

michele@mythoseditora.com.br

2008 Mythos Editora Ltda. Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização dos editores

Mythos Editora Ltda.

Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 753 – São Paulo - SP - CEP: 05458-001

860 – O homem, por suas vontades e por seus atos, pode fazer com que os acontecimentos que deveriam ocorrer não ocorram, e vice-versa? Ele pode, desde que esse desvio aparente possa se harmonizar com a vida que escolheu. Ademais, para fazer o bem, como o deve ser, e como isso é o único objetivo da vida, pode impedir o mal, sobretudo aquele que poderia contribuir para um mal maior.

Em O livro dos Espíritos*¹, de Allan Kardec

¹ * edição IED, tradução de Salvador Gentile

Este romance é dedicado ao nosso querido Armando Fernandes de Oliveira, grande escritor espírita que deixou o Plano Material em 2002. É uma modesta prova de a toda a atenção e carinho paternal que nos foram dedicados por vários anos e que tudo faremos para que essa amizade dure eternamente.

A autora

Meus Agradecimentos:

A Deus, pelo dom de escrever; a Jesus pela oportunidade de trabalho na sua Seara de Amor; aos Espíritos Amigos, pelo apoio e estímulos constantes; a todos os encarnados que de alguma forma contribuíram para a publicação desta obra; e à Mythos Books pela confiança e o carinho.

Minha gratidão também ao amigo Ja2miro dos Santos Filho, de Araguari-MG, pelo incentivo constante e preciosa amizade.

A autora

A Arte Imita a Vida

Ao longo dos tempos, a literatura tem nos apresentado muitas e muitas histórias de amor. E, em grande parte delas, encontramos a velha e remida traição, o tempero usado pelos ficcionistas que sempre atrai os leitores de maneira irresistível. Mas esses conflitos não existem apenas na imaginação dos escritores. Todos os dias milhares de pessoas passam por essa amarga experiência. Quantas vezes convivemos com irmãos que se debatem nesse drama intuitivo sem que nada percebemos? Quantos que nos sorriam, chora por dentro as lágrimas de união desfeita? É isso, caros confrades, que mostram as páginas deste romance.

A obra retrata a história de um espírito relatando sua última experiência na carne, dando-nos uma grande lição de vida.

No personagem César, encontraremos a desconfiança do famoso Otelo de Shakespeare, o tormento de Bentinho e a sinceridade do “defunto autor” Brás Cubas, ambos os personagens criados pelo nosso grande escritor Machado de Assis. E isso prova mais uma vez que a arte imita a vida e que a vida é fonte perene de aprendizado e, conseqüentemente, o caminho para a perfeição e a felicidade.

Valença-RJ, julho de 2008

Ana Lúcia de Oliveira Gobbi
A médium

Índice

PRIMEIRA PARTE - No Plano Físico

Capítulo I – César e Clarice.....	15
Capítulo II – Decepção na invigilância.....	21
Capítulo III – Prejuízos do julgamento precipitado	26
Capítulo IV – Imprudência.....	32
Capítulo V – Consequências.....	36
Capítulo VI – Arrependimento tardio.....	41
Capítulo VII – Perda de referência.....	46
Capítulo VIII – O início.....	50
Capítulo IX – Finalmente.....	56
Capítulo X – Diálogos.....	63
Capítulo XI – Começam a viver.....	69
Capítulo XII – Sonhos.....	74
Capítulo XIII – Mágoa que castiga.....	79

SEGUNDA PARTE - No Plano Espiritual

Capítulo I – Lembranças.....	84
Capítulo II – Como reencontrá-la?.....	88
Capítulo III – Regressão.....	93
Capítulo IV – Reencontros no tempo.....	99

Capítulo V – Convivência	104
Capítulo VI – Revelações.....	107
Capítulo VII – Sempre é tempo de refletir	115
Capítulo VIII – Finalmente, o reencontro.....	119

TERCEIRA PARTE – Outra vez no Plano Físico

Capítulo Único – Recomeço.....	127
--------------------------------	-----

QUARTA PARTE

Apêndice ao leitor

O Espiritismo.....	132
Referência em O Livro dos Espíritos para estudo	139
Instruções dos Espíritos – Limites da encarnação	140
Do Código Penal da Vida Futura	142

Primeira Parte

No Plano Físico

Então, os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que fora surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi apanhada em adultério, ora Moisés, pela lei, ordena que se lapidem as adúlteras”. Qual sobre isso a tua opinião? –

Diziam isto para o tentarem e terem de que o acusar.

Jesus, porém, abaixando-se, entrou a escrever na terra com o dedo. – Como continuassem a interroga-lo, ele se levantou e disse: Aquele dentro de vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra”

(João, cap. 8: 3-7)

Capítulo I

César e Clarice

Abri os olhos. Tateei o lado direito da cama. Clarice já havia se levantado. Era mais um despertar como tantos outros da minha feliz vida de homem casado. Espreguicei-me demoradamente. Era possível ouvir do quarto barulho das panelas e dos talheres. Minha mulher e nossa empregada Luzia com certeza já estariam com a refeição da manhã quase pronta. Inspirei demoradamente e o cheirinho de café atçou minha fome. Então me levantei e fui ao banheiro higienizar-me. Não gostava de fazer a barba às pressas. Era meticuloso e conseqüentemente lento, mas o que me importava? Eu era dono da loja e me sentia no direito

de fazer o meu próprio horário, esquecendo-me de que para podermos cobrar alguma coisa de quem quer que seja, antes, precisamos dar o exemplo. E eu ainda não atinava por que meus funcionários eram tão indisciplinados.

Enfim, terminei de me lavar e fui me vestir. Clarice cuidava para que minhas roupas estivessem sempre impecáveis. Já vestido, admirei o belo corte da calça e do paletó. Senti-me bonito e, mais uma vez, entendi porque minha esposa havia me escolhido dentre os inúmeros pretendentes que tivera.

Dirigi-me à mesa e minha bela companheira saudou-me com seu sorriso fraco e habitual.

– Bom dia, meu amor!

– Dormiu bem?

– MUITÍSSIMO, querida! – Respondi dando-lhe um estalado beijo na face.

– Bom dia, patrão!

– Bom dia! Ah, desculpe-me Luzia nem ter me dirigido a você. É que meu estômago já está roncando.

– Não tem problema, senhor. Eu sei que não foi por mal.

A visão da mesa me fez salivar. Pão, manteiga, leite, café, bolo, biscoitos e frutas...

– Você quer um ovo quente? Pergunto-me Clarice com um belo avental, coordenado o trabalho da empregada.

– Não, meu bem. Isto aqui já me basta. Não quero ficar barrigudo tão cedo.

Ela deu sua costureira gargalhada que, não posso negar, me incomodava bastante, principalmente quando estávamos em público.

– Ora, ora, não sabe que o amarei sendo barrigudo ou não? Você é bonito de qualquer jeito.

– Isso você diz agora, quero ver se vai repetir quando eu engordar...

– É só aceitar o convite dos seus amigos para jogar futebol nos fins de semana...

– Mas eu prefiro ficar junto de você nos dias de folga.

– Sabendo dividir bem o tempo, dá para fazer tudo que se quer.

– Mas quem disse que eu quero fazer exercício?

– Ah, meu preguiçoso! – Disse ela acariciando meu nariz com o dedo indicador.

Olhei o relógio e exclamei:

– Nossa! Já estou mais atrasado que de costume!

– Então tome seu café, mas não coma muito depressa que faz mal à saúde.

Seguindo o conselho de Clarice, fiz minha refeição, deliciando-me a cada mordida. Após uns vinte minutos, ganhei a rua, percebendo que havia perdido o bonde; Caminhava, então, aceleradamente, tentando chegar ao trabalho menos atrasado. Naquele momento, senti como nunca a falta de um automóvel, e pensava que se a loja continuasse indo tão bem, em pouco tempo realizaria a tão sonhada compra e seria um pouco mais pontual.

Enfim, cheguei. Não causou surpresa o meu cumprimento ofegante.

Alguns funcionários que conversavam distraídos, ao me verem, foram assumindo suas

tarefas. Fui entrando em nossa salinha de trabalho e encontrei meu sócio perdido no meio de muitos papéis. Era um homem bem apessoado e galante. E apesar de sermos amigos desde a infância e nunca ter-lhe percebido nenhum olhar de cobiça sobre minha amada esposa, preferia mantê-lo afastado dela o máximo possível, por precaução. Mas voltando ao que venho relatando, percebi que já estava ali há tempo. Pendurei o chapéu no cabide e disse:

– Bom dia, Haroldo! Desculpe-me o atraso!

– Bom dia, César! Hoje teremos um dia cheio. Vai chegar mercadoria e precisamos ficar de olho para ver se tudo chegará do jeito que pedimos.

– Ah, é! Tem razão – disse meio sem graça pelo total esquecimento de uma coisa tão importante.

– Precisamos também conferir essas contas. Acho que fomos cobrados indevidamente – falou, entregando-me algumas notas de compra.

– Deixe comigo – disse, suspirando contrariado, porque aí não teria mais tanto tempo para pensar na minha Clarice. E, obrigado pelas circunstâncias, comecei o meu dia de trabalho. Só que em cada folha de papel eu podia ver, em vários lugares, os olhos da minha mulher, sua boca sorridente a me chamar e, na verdade, o que eu mais queria era voltar para casa e ficar aconchegado em seus braços, ouvindo as notícias e os últimos pronunciamentos do presidente pelo rádio. Mas, por enquanto o jeito era trabalhar da melhor forma possível e esperar que o dia corresse célere para que retornasse ao lar, para o meu lindo ninho de amor e de paz, onde eu me esquecia das dores do mundo e de todos os meus problemas

profissionais. Lugar bendito onde eu colhia as flores de companheirismo, do afeto e da esperança.

Ávido por receber os beijos da meiga Clarice, ia vencendo minhas tarefas com presteza, visando única e exclusivamente a minha recompensa rotineira que sempre tinha um novo e delicioso sabor.

Capítulo II

Decepção na invigilância

Como eu já tinha previsto, mais uma vez o trabalho impediu-me de almoçar em casa. Peguei, então, uma folha de papel e escrevi o seguinte bilhete:

Querida,

*Não será possível almoçarmos juntos hoje.
Farei a refeição aqui mesmo e acho que voltarei bem tarde.*

Não fique preocupada.

Beijos...

César

Procurei o garoto que sempre levava minhas mensagens à Clarice. Dei-lhe uns trocados e o vi desaparecer na esquina em desembalada carreira. Retornei aos meus afazeres.

Uma hora depois resolvi fazer a refeição. Saí da loja e entrei no restaurante mais próximo. Sempre detestei sentar à mesa sozinho, mas não havia outro jeito. Haroldo fez um rápido lanche na loja e não quis acompanhar-me. Pedi uma boa carne, mas, por melhor que estivesse, nunca teria o gostinho especial daquelas que saboreava em casa.

Tudo que minha esposa fazia ficava mais gostoso.

Ao terminar o almoço, estava alimentado, mas não satisfeito. Resignei-me, sonhando com o jantar. Voltei a loja e continuei tentando em vão concentrar-me no serviço. Remexia-me na cadeira sem parar.

Perdi a conta das vezes que olhei o relógio. Aquele lugar parecia sufocar-me. Nunca estivera tão agitado. Haroldo percebeu e passou a observa-me a miúdo. Decorrido algum tempo, meu sócio perguntou-me:

– O que você tem hoje César? Não sossega e mal consegue trabalhar. Posso ajudá-lo?

– Não sei amigo – respondi com sinceridade. – Estou nervoso e preocupado com Clarice como nunca estive antes. A empregada já deve ter ido embora e não gosto que ela fique sozinha.

Haroldo sorriu e disse:

– Nossa, como o amor é capaz de deixar um homem! O que pode acontecer numa hora dessas?

– Não sei o que pode acontecer, só sei que estou me roendo por dentro

Meu amigo, então, disse tudo que eu queria ouvir.

– Se é assim, vá para casa, homem! Se não é capaz de te dar um troço! Deus me livre ser o culpado de tal coisa.

– Mas não se importa de fazer todo o trabalho sozinho? - falei apenas por delicadeza.

– Desse jeito, você em vez de trabalhar dará é mais trabalho. Vá antes que eu me arrependa!

Abri um enorme sorriso de contentamento e agradeci:

– Muito obrigado, mesmo! Nem sei como retribuir-lhe este favor.

Ele respondeu, sorrindo.

– Se Clarice tiver alguma parente tão prendada quanto ela, apresente-me. Quem sabe caio de amores feito você?

Estou mesmo na idade de me casar.

Peguei o meu chapéu e saí da loja a passos largos, esquecendo-me até de me despedir dos funcionários.

Apesar da vontade de chegar em casa, resolvi entrar em uma confeitaria e comprar alguns doces para minha mulher. Ela podia comê-los às vezes, por que tinha boa saúde, era esbelta e não engordava com facilidade.

Com o embrulho nas mãos, já não podia andar tão depressa, mas valeria a pena o sacrifício, pois vê-la sorrindo seria o meu maior presente.

Finalmente, enxerguei a minha casa no final da rua. Andei mais rápido, nem acreditei quando abri o portão. Atravessei o jardim, entrei pé ante pé, como sempre fazia, sem mesmo ter consciência do por quê. De repente, senti meu corpo gelar. Vi um estranho na sala. Não consegui perceber-lhe a roupa, mas reparei que era alto, moreno, e tinha boa aparência.

Julguei que estava à vontade de mais para o meu gosto e só pude ouvir minha amada sussurrar:

– Meu marido deverá ser o último a saber para que nossos planos se realizem.

Ela tinha um brilho nos olhos que eu jamais vira em nenhuma outra ocasião. Nem no dia do nosso casamento pareceu-me tão feliz, tão realizada.

Sua voz assemelhava-se a uma melodia compondo. E ele sorria de comum acordo com Clarice.

Temi ouvir mais. Saí feito louco, tonto, desgovernado, andava sem ter ideia de onde botava os pés. Senti-me um idiota com aquele embrulho nas mãos. Corri os olhos ao redor procurando uma lixeira na qual pudesse livrar-me dele. Ao divisá-la, andei até ela e, no momento em que ia jogar os doces senti alguém bater no meu ombro.

– Moço, é de comer? – Perguntou-me um moleque.

– É - respondi feito um autômato.

– Então o senhor dá pra mim?

– Entreguei-lhe as iguarias sem dizer uma palavra.

O menino saiu correndo feliz da vida. E eu, mergulhando na minha tristeza não percebi que ele estava descalço e faminto. Egocêntrico, achava que só o meu problema era importante, e fui insensível à pobreza daquele irmãozinho que precisava não só de recursos materiais, mas também de carinho e boa educação. Esse é um dos nossos grandes enganos: pensarmos que a nossa dor é a maior do mundo e cerrarmos nossos olhos ao padecer dos demais.

Se eu tivesse dado pelo menos um sorriso amigo para aquele garoto, com certeza enxergaria que, quando utilizamos bondade para alguém somos os primeiros beneficiados. Mas, no meu extremo desequilíbrio emocional, jurei que aquela história não teria o fim que os dois haviam planejado.

Capítulo III

Prejuízos do julgamento precipitado

Não tinha coragem de voltar à casa e na minha cabeça só uma pergunta repetia-se, torturando-me: “ Há quanto tempo ela me traiu”?

Espantava-me o seu poder de dissimulação. Recapitulava cada dia de nossa vida em comum e nada encontrava que pudesse denunciá-la. Imaginava mil situações nas quais pudesse ter se conhecido. Senti-me aliviado. Estava boquiaberto com a ousadia de ambos, encontrando-se em meu próprio lar, à vista de todos. Mas talvez aí mesmo estivesse o segredo do sucesso de seu romance. Era tão óbvio que ninguém desconfiava! Não conseguia aceitar o fato de ter me enganado tanto em relação à Clarice. Como ela podia ser tão fria e tão falsa? Como pudera mentir tanto e por tanto tempo? A única resposta que encontrei foi a minha paixão que me cegara totalmente, não me deixando ver os indícios que com certeza eles haviam deixado.

Com essas conjecturas, comecei a vibrar em faixas inferiores e, imediatamente, espíritos que ainda se demoravam na ignorância da Lei de Amor uniram-se a mim na triste conduta de julgar os atos alheios, estimulando-me à vingança, de bom grado.

– Vingar-me como? – Pensava desarvorando. E eles sopraram na acústica de minha alma a infeliz inspiração. A princípio, assustei-me com uma solução tão drástica, mas não posso negar que gostei da ideia. Devo esclarecer que meu livre arbítrio estava preservado. Eles sugeriram sim, mas se eu não quisesse, eles já mais poderiam obrigar-me. E se adiante eles foram me dominando cada vez mais, isto só aconteceu por que dei o primeiro consentimento e me deixei arrastar por seus conselhos sem lutar por desvencilhar-me de seu domínio.

Andava sem rumo, quando vi um home mau vestido, de roupa surrada na porta de um café. Acerquei-me dele e fui direto ao assunto:

– Faz um favor para mim?

Ele, hesitante, ficou a me olhar:

– Pago bem.

Abri um sorriso de dentes amarelados pelo vício de fumar que lhe minava a saúde pouco a pouco e, então, respondeu: Se o senhor me der o dinheiro antes eu faço;

Desconfiado, retruquei.

– E como vou saber se vai cumprir sua palavra?

– Tem que confiar – disse ele com o olhar malicioso.

Foi minha vez de hesitar, mas, como estava desesperado, aceitei:

– Vou aceitar.

– O que é para fazer? – perguntou ele com frieza.

Mais que depressa, sussurrei-lhe as instruções ao pé do ouvido.

– Só isso?

– É. Tome o dinheiro da encomenda e do seu pagamento.

Enquanto esperava, pedi um refresco para disfarçar. Não podiam perceber que estava à espera de alguém.

Os minutos engatinhavam devido à minha grande ansiedade.

Depois de quase meia hora, ele apareceu ofegante.

– Trouxe? – perguntei suando as bagas.

– Sim, mas foi difícil.

– Dê-me – disse esticando-lhe a mão aberta.

Ele apertou o pacotinho entre os dedos, falando:

– É dos bons, mas deu muito trabalho para conseguir três pontos.

Percebendo que só me entregaria a encomenda se o pagasse mais, enfiei a mão no bolso e tirei pequena quantia, que mostrei a ele.

O homem agarrou o dinheiro com a mão que mostrava desocupada, abrindo imediatamente a outra, da qual subtraí o embrulhinho de maneira mais discreta possível.

Ele escafedeu-se rapidamente. Voltei ao meu refresco para não dar na vista e, ao terminar de bebê-lo, esgueirei-me pelo lado oposto. Éramos dois infelizes que visamos sempre vantagens materiais, lembrando-nos só muito mais tarde de que o verdadeiro lucro é o progresso do espírito.

Novamente vagava pela rua, desanimado de voltar para casa. Com os pés doendo da longa caminhada, a certa hora dei-me conta de que precisava retornar ao lar. Mas, antes, precisava recompor-me, pois não queria que minha mulher percebesse que eu flagrara sua traição. Ajeitei os cabelos com as mãos trêmulas, passei o lenço no rosto, respirei fundo e resolvi recolher-me ao meu domicílio, tentando parecer natural.

Andava devagar, tinha medo de encontrar-me com Clarice. O que dizer? O que responder-lhe?

Ao avistar a casa no final da rua, não sentia a mesma alegria de horas antes. Abri o portão sem entusiasmo e enfiei a chave na porta receoso do que me esperava.

Como pude entregar-me a tais pensamentos, a tais ações?

Hoje, pensando em tudo que aconteceu, percebo o quanto nos perdemos com os julgamentos precipitados, com as decisões sem uma análise mais ponderada das situações e das razões dos acontecimentos. Deixamos nos levar por julgamentos, sem conhecimento prévio, nos comportamentos que muitas vezes precipitam mágoas, geram culpas, dificultam soluções e, pior, prejudicam outras pessoas.

Tudo por conta de nossa imaturidade, da ausência de reflexões.

Que falta faz a tentativa de entender fatos à primeira vista incompreensíveis! Colocar-se no lugar do outro para compreender comportamentos, iniciativas. É incrível, mas nos esquecemos de algo que não deveria ser óbvio aos nossos olhos: as diferenças dos pontos de vista uns dos outros. Cada um enxerga a vida sob o ponto de vista que se coloca, como resultado de suas experiências, de suas vivências.

Como desejar que vejam a vida sob nossos olhos se cada um tem a sua própria história, que é, por si só, diferente da nossa?

Se eu tivesse reflexionado naquele momento como faço agora nessas linhas, não teria enfrentado as consequências de minha precipitação. Mas naquele momento de imaturidade, eu era mesmo uma verdadeira criança do entendimento.

Capítulo IV

Imprudência

Ao entrar, o único som que ouvi foi o dos meus passos. Corri os olhos pela casa procurando por minha esposa. Não a vendo, resolvi ir até o quarto.

Clarice dormia tranquilamente. Aquele mesmo sorriso que vivia horas antes ainda brincava em seus lábios, mesmo estando adormecida. Senti meu rosto queimar de ciúme. Com certeza, depois do meu bilhete à hora do almoço, sentiu-se livre e segura para o encontro amoroso e, nem de longe, suspeitava que eu já estava ciente de tudo, até mesmo do plano que certamente era de fuga, abandonando-me e expondo-me aos comentários maldosos de grande parte dos nossos conhecidos.

E, neste fervilhar de ideias infelizes, não me lembrei do maior recurso do qual poderia ter lançado mão: a prece. Infelizmente, oração, para mim, naqueles tempos, era repetir as fórmulas já prontas que

passam de geração a geração. E se muitas vezes são repetidas com sentimentos e fé, na maioria delas são apenas recitadas maquinalmente sem que o pedinte nem mesmo se dê conta daquilo que fala, julgando, após o termino da cantinela, estar quite com Deus, ficando depois sem entender por que não recebeu o consolo e a força necessários para enfrentar o problema que lhe surgiu à frente. É bom lembrar também que na maioria das vezes só entramos em prece para pedir coisas a Deus, mas esquecemos de que por meio dela podemos agradecer e louvar ao Nosso Criador que tão bom nos é. E, sem dúvida alguma, se dela tivesse feito o uso, lembrar-me-ia do perdão, que é uma das maiores armas daqueles que dizem seguir o Cristo, como era o meu caso.

Recebemos seus inúmeros benefícios; Daria o direito a Clarice de seguir seu caminho e procuraria reconstruir o meu, com a convicção de que tudo fizera para que nosso relacionamento desse certo, sem desejar-lhe mal e respeitando sua vontade. Também não me importaria com os possíveis comentários dos irmãos desavisados que muitas vezes prestam atenção nos problemas dos outros, não com o intuito de socorrê-los, pois ainda não despertava a caridade em si, mas para se esquecerem das próprias chagas que trazem em seu íntimo, sem que tenham, no momento, a coragem de tocá-las. Mas como todos nós somos ainda imperfeitos, ofereceria assim a todos o meu perdão, por também reconhecer-me cheio de mazelas.

Sem dúvida com o auxílio espiritual que dispensei, mudaria toda a paisagem mental,

percebendo que a minha desdita não era tão grande quanto imaginara à primeira vista e estaria apto a tomar decisões acertadas, sem derrapar nos abismos da insânia que me vi logo depois.

Resolvi, então, agir da melhor forma possível, como se aquele fosse um dia absolutamente normal. Tomei banho, vesti o pijama, fui até a cozinha, pensando que deveria comer alguma coisa, pois as panelas nada me apeteciam. E que sonhara tanto com a hora do jantar! Acabei escolhendo o pouquinho e canja que estava no fundo de uma velha caçarola. Tinha a sensação de ter um nó na garganta e não consegui terminar a refeição. Ao escovar os dentes, percebi que a angustia que experimentava após o almoço, enquanto fazia a higiene bucal, nada era em vista da que me dominava naquele momento.

Voltei ao quarto, reparei nos bastos cabelos de Clarice espalhados sobre o travesseiro. Ela já dormia profundamente. Tive vontade de acariciar-lhe a pele macia, mas imediatamente lembrei-me do que presenciara a tarde, reacendi meu ódio minha atenção no criado mudo. Lá estava o bule de chá a beira cama. Conhecia seu ingerir o líquido de madrugada. Naquelas últimas semanas ainda mais. Não havia chá que a satisfizesse. Peguei o pacotinho no bolso do meu paletó e coloquei todo o narcótico. Livrei-me de todos os indícios que, segundo o meu ponto de vista, pudessem comprometer-me. Em seguida, deitei-me ao seu lado.

Imaginei que passaria noite em claro, mas a minha exaustão era tanta que em poucos minutos caí em sono profundo e repleto de pesadelos.

Tais pesadelos eram como se fossem alertas para o que eu enfrentaria depois...

Minha covardia moral, que agiu sem discernimento, esqueceu-se dos conselhos do bom senso. Deixei-me levar pelas ondas da imprudência.

Ao depositar o conteúdo do pacotinho no chá, agi como um invasor do sossego alheio, maltratei a confiança, a liberdade de Clarice. Violentei sua inocência, criando dores para mim mesmo.

Hoje entendo, todavia, que apesar de nossa imaturidade, a misericórdia de Deus sempre está presente. Nossos equívocos e fracassos sempre encontram em sua grandeza e bondade as portas da reparação. A sabedoria divina determinou que a construção da felicidade é obra do esforço próprio de cada um, não nos faltando, portanto, as claridades do conhecimento trazido por aqueles que, em todos os tempos, fazem vibrar o bom som da mensagem de amor que rege o universo.

Mais uma verdade é patente: só o tempo das experiências nos amadurecem.

Depois daquela decisão infeliz, imatura, precipitada, foco gerador de aflições já a partir daquele momento e para o futuro, é que comecei conhecer os frutos do egoísmo no coração.

Capítulo V

Consequências

Acordei assustado com as fortes batidas ecoando pela casa. Quando me dei conta, já estava com a porta aberta. Deparei-me com Luzia, que ficou desconcertada ao me ver com traje de dormir.

– O que foi Luzia?! Que barulhada é essa?!

– Já é tarde, patrão. Não queria incomodar... É que todo dia a D. Clarice vem abrir logo que percebe minha chegada, e como a esta hora sempre estamos com a refeição quase pronta, resolvi insistir porque estranhei demais. – disse ela, justificando.

Eu ouvia tudo meio distante e só consegui falar:

– Entre.

– E a patroa? – indagou ela, correndo o olhar pela casa.

– Está na cama – informei.

– Ela está passando mal? – insistiu ela.

Quase irritado respondi:

– Que eu saiba, não!

– O senhor quer que eu comece o serviço agora ou devo esperar que ela acorde?

– Vá chamá-la – disse eu, caminhando em direção ao banheiro, na tentativa de esquivar-me do inevitável encontro com a realidade.

– Mas, patrão... Fico sem jeito de entrar assim no quarto...

– Deixe de ser boba, Luzia não fui eu mesmo quem pediu? – falei com os nervos à flor da pele.

A empregada dirigiu-se ao quarto meio sem graça. Demorou alguns minutos. Voltou com os olhos arregalados dizendo:

– Ela não responde, por mais que eu a chame.

Só aí foi que realmente percebi a gravidade do crime que havia cometido. Trêmulo, com os olhos cheios de lágrimas pedi:

– Chame um médico! Eu fico com ela!

Devido ao meu descontrole, Luzia hesitou ao cogitar deixar-me sozinho com minha mulher, mas

como achava que o socorro precisava ser urgente, assentiu sem mais delongas.

Fiquei parado no meio da sala. Não me encorajava a chegar perto de Clarice. Não suportava a ideia de vê-la ao lado de outro, e também não queria ver o corpo, que tantas vezes abracei com ternura, morto sobre a cama ou dentro de um caixão. Pensei em suicídio, mas, graças a Deus, não me animei a tal caso. Caso cometesse mais essa loucura, minha situação tornar-se-ia muito pior do que já estava, embora eu achasse que nada poderia ser mais doído que o meu presente. A empregada chegou com um médico amigo seu que nunca vira mais gordo. A visita foi rápida, porque já não havia o que fazer, apenas certificar o óbito.

Haroldo, embora estivesse acostumado com os meus rotineiros atrasos, preocupou-se com a minha demora incomum e veio ao meu encontro. Chegando em minha casa, encontrou-me de pijama, já sentado em uma cadeira, com olhar perdido e mãos geladas. Alguns vizinhos já tomavam as providências necessárias para o velório e o enterro. Como desde aquela época já tinha um bom coração, ficou ao meu lado, ajudando-me a higienizar-me e na troca de roupa. Tratou-me com carinho.

Sentia-me amparado junto daquele irmão dedicado, que, na gora sofrida, deu-me generosamente o maior auxílio que se pode ofertar: a caridade moral, pois muito mais difícil do que oferecer dinheiro, mantimentos ou qualquer outro bem material, é doar

o tempo, o abraço, a palavra de conforto, enfim, aquele apoio que, embora muitas vezes não solucione todos os problemas, ajude imensamente quem padece apalermado.

Assistia a tudo como se fosse um filme do qual eu não participasse, ou melhor, não quisesse participar. Comprovava uma grande verdade: quando alguém nos ofende, o problema, na realidade, é do ofensor, porque não fomos nós que nos desviamos do caminho certo. Mas quando nos vingamos da pessoa, o problema passa a ser nosso também, pois igualmente nos afastamos da melhor trilha de evolução, que é a prática do bem.

E ali estava eu, amargando um sofrimento que poderia perfeitamente ser evitado. Havia, por ciúme e orgulho ferido, dificultado sobre maneira minha caminhada terrena, colocando pedras onde poderia ter plantado flores. Mas isto só me aconteceu porque nosso Pai é bom e respeita a vontade dos seus filhos, deixando que cada um de nós evolua como lhe aprouver. E a sua misericórdia é tão grande, tão grande, que toda vez que fazemos escolhas erradas, Ele faz com que estas mesmas opções, no final se revertam em aprendizado e progresso para o espírito que as escolheu, não deixando nada se perder, e fazendo com que todos os nossos atos (sejam certos ou errados) acabem sempre, de uma forma ou de outra, contribuindo para a nossa felicidade. Coisa da qual, aliás, o Criador não abre mão em relação a nós. Mas eu ainda não despertara para essas sublimes verdades

e sofria, sentindo-me o ser mais desventurado da face da terra.

Capitulo VI

Arrependimento tardio

Fora a última vez, naquela experiência carnal, que minha mulher pôde se deliciar com a bebida de que tanto gostava. E como era de conhecimento geral minha paixão por ela, nunca suspeitaram de mim. Para todos, ela deixara o corpo devido a alguma doença do coração, mal súbito. Nem seus parentes preocuparam-se em investigar o acontecimento. Eu, por minha vez, descobrindo-me também covarde, além de orgulhoso e egoísta, procurei relatar tudo superficialmente com proposital economia de detalhes. E por me considerarem muitíssimo abalado (no que estavam certos), pouparam-me de perguntas que, na opinião da maioria, só me fariam sofrer.

O velório para mim foi uma tortura duplicada. Chorava pela separação física entre mim e meu grande amor de vida e também por esse mesmo afeto ter-me traído de maneira mais aviltante que poderia imaginar, pois se encontrava com seu amante em nosso próprio lar e talvez trocassem juras de amor em meu próprio quarto.

Minha dor parecia não ter fim. Digo parecia, por que não há dor que dure para sempre. De certo que um minuto de dor sobre o ponto de vista daquele que sofre, passa bem devagar e parece ser uma hora ou, quem sabe, duas ou três...

Só que por mais que nos pareça longo um padecer, ele terá fim. Disso não podemos duvidar. Mas na minha ignorância, eu era incrédulo. Acreditava em Deus só quando as coisas estavam correndo bem; na hora difícil, em que mais eu devia me apegar a ele e confiar no seu poder de transformar deres amargas em saborosos frutos de aprendizado e evolução, entreguei-me ao desespero que em todo tempo e lugar é infrutífero para o bem, e deixava que grossas lágrimas rolassem uma atrás da outra pelo meu rosto pálido.

Senti meus olhos mais inchados a cada minuto. Não conseguia comer nada. Apenas bebia o chá que a minha irmã servia-me de quando em quanto. Incrível! Acabara de assassinar Clarice usando a mesma bebida e ninguém ligava os fatos. Também, ela esvaziara o bule e nada havia sobrado para denunciar-me.

Enquanto isso no meio da tempestade de dor que acolhi na mente, ouvi muitas vezes os seguintes comentários.

– Pobrezinha! Parece que está dormindo... – dizia alguém.

– Ah! Você não sabe? Ela morreu do coração a noite, durante o sono.

– Ela era muito boa. Que Deus a tenha! –
Completavam os demais.

Nessa hora, um soluço mais alto escapava do meu peito e todos se calavam respeitosos, voltando às orações. Atitude esta indispensável para auxílio tanto dos familiares como do espírito que desencarna, ajudando-o neste período de adaptação ao mundo espiritual.

Eu, que pouco olhara Clarice durante o velório, no momento da despedida inevitável, fitei-lhe os olhos. Encontrei ainda naqueles lábios um esboço do sorriso que me torturava desde a tarde infeliz. Seu corpo estava lindo como sempre e tive a impressão de que a alma o deixara sem sofrimentos. Percebi, então, que o fel da vingança é bebido primeiramente e em maior parte por quem a promove. Senti-me vazio. Por que não a interrogara? Por que não lhe dissera o que se passava em meu coração? Por que não lhe dera a chance de defesa? Por que não lhe ouvira os motivos? Por quê?! Mas o fato já estava consumado e sua boca não mais poderia responder àquelas perguntas. Haroldo e minha família tentavam consolar-me com palavras doces e carinhos enquanto fechavam o esquife. Pela cortina de lágrimas que embaçavam meus olhos, vi a rosa vermelha que joguei sobre ele espalhar-se ao vento. Suas pétalas representavam todas as gotas de sangue que já foram derramadas por esse mundo a fora em nome da velha e mesquinha vingança.

Hoje, com a benção do conhecimento espírita a espalhar as sementes do conforto que brada em alto som a pérola da imortalidade da alma, podemos compreender, sem torturas, a naturalidade do fenômeno conhecido com o nome de morte.

A morte, seja pelas tradições religiosas ou pelo desconhecimento de sua vertente que continua após o túmulo, sempre foi motivo de sofrimentos de expressão. Mães que se separam de seus filhos; filhos que consideram a aparente perda dos pais; cônjuges que se veem de uma hora para outra despojados da presença daqueles que elegeram para vida em comum; amigos que experimentam a angústia da ausência de afetos autênticos...

A revelação espírita, todavia, foi a luz de esperança que se derramou sobre a humanidade, demonstrando com fatos patentes, a imortalidade da alma, característica marcante dos filhos de Deus a encher de ânimo e confiança no vencer da separação temporária ocasionada pela morte biológica.

A mediunidade, por sua vez, trouxe luz imensa nos intercâmbios que sempre existiram, mas só foram compreendidos com o advento da Codificação Espírita, quando então pudemos conhecer os extraordinários mecanismos que ligam e interligam os seres que se amam, destruindo quaisquer motivos ou tentativas de desespero que a morte pode ocasionar, uma vez que já somos cientes de que somos imortais, destinados à felicidade que devemos construir à custa do próprio esforço.

Naquele momento infeliz, eu nada sabia sobre
isso.

Capítulo VII

Perda de referência

Minha vida perdeu totalmente o sentido. Nada era capaz de animar-me. Teimoso, não arredei o pé da casa que vivi com minha esposa, apesar de insistência dos meus familiares.

Quando perceberam serem inúteis os conselhos, minha irmã veio morar comigo. Ela não tinha se casado e, como é muito caridosa, resolveu cuidar de mim naquele meu terrível momento de vida. Não quis dispensar Luzia por dois motivos: ela precisava do emprego, pois era arrimo de família e também porque me lembrava o tempo de plena felicidade com Clarice, já que trabalhou para nós desde os primeiros dias do nosso casamento. Marília, do mesmo jeito que minha mulher, dividia as tarefas com prestativa doméstica e, em pouquíssimo tempo, tornaram-se grandes amigas ao bom gênio de ambas.

Eu, por minha vez, já não ia mais à loja e pouco saía de casa. Haroldo, o grande amigo de sempre, resolvia tudo sozinho, trabalhando dobrado, mas não reclamava. Compreendia meu sofrimento e várias vezes por mês aparecia lá em casa para visitar. Acredito que só resisti àqueles momentos por causa do calor humano que recebi da família e dos mais chegados, pois cada palavra de otimismo reacendia no fundo do meu ser a esperança de que algum dia seria novamente feliz, apesar de tudo que fizera, que Clarice viva em outro lugar, mesmo tendo-lhe tirado a vida do corpo. Bendita são as palavras consoladoras e aqueles que a proferem. A misericórdia divina é tão grande que, embora o crime covarde que eu tinha praticado, ainda pude receber essa chuva de bençãos para continuar na caminhada.

E, na maior parte do tempo ficava sentado na sala com os olhos perdidos. Meu pensamento viajava por caminhos bastante conhecidos meus. Caminhos cheios de flores e risos, de esperanças e planos. Caminhos que eu nunca imaginara que pudessem transformar-se em trilhas pedregosas e espinhentas. Caminhos que, naquela hora, ansiava com todas as forças percorrer outra vez. Os caminhos do meu passado...

E, como num filme, parece que as imagens de minha própria história começaram a se desenrolar pelos meus olhos. Com uma velocidade incontrolável, cenas esquecidas da infância, as brincadeiras com os colegas, a primeira professora do ensino primário, a vida com os meus pais. Depois as descobertas da

adolescência os lances de conquistas do menino que começa a crescer...

É interessante pensar nisso porque as lembranças rememoradas trazem de volta os cheiros, as músicas, as brincadeiras, as canções da escola, e mesmo a companhia dos vizinhos da rua, dos brinquedos de Natal, das viagens para visitar os primos... Tudo começou a desenhar-se na tela mental, numa sequência incrível de imagens e cenas que me levaram às lágrimas em alguns pontos, aos sorrisos em outros. Medos de infância, a pureza dos relacionamentos com os tios e primos, e mesmo com os colegas de classe.

Lembre-me com emoção das preces que mamãe ensinava pronunciar quando ia deitar-me. Encontrei-me novamente com emoções que achei que havia perdido ou esquecido. Parece que novamente ganhava os presentes de meus avós nos aniversários, nos natais todos que passamos juntos em família e até nos trocados que tios e vovôs me entregavam quando cada ano novo se iniciava.

Hoje, ao traçar essas linhas, e pensando nas aflições humanas e oriundas de traumas, angústias e culpas, e mesmo os difíceis desdobramentos de mortes, separações, conflitos, fico a pensar nos benefícios do conhecimento espírita. A mensagem espírita é mensagem de alegria, de otimismo, de entusiasmo pela vida e de constante estímulo pelo trabalho no bem.

Referido trabalho no bem, que vai além do amparo material que possamos prestar às criaturas, situa-se de maneira expressiva na autoestima que possamos levantar em pessoas que se abatem, que se deprimem.

À época de minhas lutas, a vida perdeu sentido. A perda e separação, da Clarice, da querida Clarice, constrangeu-me o coração, perturbou-me a mente. Antes tivesse buscado ajuda nos amigos, na religião. Mas entreguei-me ao desalento. Hoje percebo o quanto podemos oferecer às almas sofridas quando lhes estendemos as mãos, quando lhes sorrimos para que se sintam amadas, quando o abraço, o aperto de mão, a expressão de serenidade pode ajudar a quem se debate nas aflições.

A bondade de Deus, que cura as feridas da alma através do tempo, ensinou-me a compreender as situações. A Revelação Espírita, consolando coração com sua lógica inquestionável, com bom senso de seus ensinamentos e com a mensagem clara dos evangelhos e nos fortalecer a alma, é a luz que a humanidade busca e precisa. Bendita Doutrina consoladora que tanto tem oferecido à humanidade.

Mas para que o leitor tenha conhecimento da sequência dos fatos, voltemos à rememoração de minha vida a partir da juventude. Juventude inquieta, cheia de sonhos e que me levou à querida Clarice que eu não soube respeitar.

Capítulo VIII

O início

Eu estava no auge da juventude e da beleza, e era noite de domingo. Resolvi ir ao cinema para assistir a um filme nacional que fazia imenso sucesso. Vesti uma das minhas melhores roupas, pois não são apenas mulheres que gostam de sair bem vestidas. Os homens, embora muitos não confessem, também se preocupam com a aparência, mas é claro que em tudo é preciso ter equilíbrio para que não se venham sofrer depois por causa do apego a coisas materiais, que são um meio e não o objetivo da nossa existência.

Chegando ao cinema, percebi que a bilheteria estava muito concorrida. Mas não era de se espantar, pois essa era a principal diversão noturna. Desviando-me de um e outro, procurava um lugar na fila, que estava imensa. Levei alguns pisões e, depois de um bom tempo, consegui o meu ingresso. Enfrentaria agora mais alguns minutos de aperto para entrar na

sala de projeção. Confesso que já estava um pouco irritado, coisa que de nada me ajudou. E quando já pensava em desistir do divertimento que mais estava parecendo sofrimento, vi um pouco à frente uma bela e sedosa cabeleira destacar-se dentre as demais. Ganhei fôlego e segui aquelas madeixas castanhas à distância. Ao saírmos da confusão, pude ver como era a dona dos belos cabelos que me encantaram. Corpo bem feito, andar suave e gracioso. Estava acompanhada de outra moça e uma senhora, a qual as duas davam o braço. Apressei os passos, aproximando-me um pouco mais, podendo sentir o perfume que vinha dela. Eu parecia a abelha que tenta pousar em uma flor que é agitada pelo vento.

Elas se sentaram. Para não dar muito na vista, fiquei num lugar relativamente afastado, mas de onde pudesse observá-la. E sem que me desse conta, já tinha há muito perdido o interesse pelo filme. O informativo, que era exibido antes da sessão normal, começou e eu nem sabia do que se tratava. Olhava o tempo todo para aquela moça tão bonita que chamara minha atenção.

Quando as luzes foram acesas, notei que o filme tinha acabado, mas, na verdade, quase não me concentrara na tela. A minha estrela passou a ser outra e estava bem mais perto e (quem sabe?) acessível. Procurei segui-las, mas todos se levantaram ao mesmo tempo e foi difícil localizá-las! Depois de muito custo, eu as vi novamente. Nesse momento, fui interceptado por algumas pessoas que andavam bem devagarzinho. Isto era comum, pois todos queriam mostrar seu

aprumo, já que na maior parte do tempo que ali estiveram não era possível fazê-lo.

Na época, não via nada de mais nesse comportamento. Só que hoje, mais esclarecido, vejo que a beleza e a elegância (se assim podemos dizer) deve estar alojada em nosso interior, e Não na parte exterior, naquilo que o dinheiro pode comprar, porque o eterno e o que prevalece é o que somos e não o que temos e aparentamos ter. Ninguém consegue fugir de si mesmo, pois é indispensável nos olhar, perceber tudo que estamos fazendo de ruim e mudar de conduta. Por mais que se relute, um dia isso fatalmente acontece com todos nós, graças à bondade divina que nos conduz de todas as formas à harmonia.

Depois de transformar todos os empecilhos, não consegui mais vê-la. Saí do cinema com o coração aos saltos. Cassei-a com meus olhos ansiosos e nada. Quem seria aquela moça que me perturbara tanto?

Passei a semana desassossegado, ansiando por tornar a vê-la. O que mais me afligia era não encontrá-la novamente. Pensei em procurar por ela, mas como? Não tinha pista alguma! O único remédio era esperar o fim de semana e voltar ao mesmo lugar.

Noite de domingo outra vez, fui mais exigente com a roupa do que de costume. Mamãe até estranhou, mas logo se deu conta de que era por causa de algum rabo de saia, como dizia ela. Fui ao mesmo cinema. Meus olhos perscrutaram cada canto sem encontrar o que mais me interessava. Resolvi esperar um pouco e só comprar o ingresso quando ela chegasse. A fita

começou a ser projetada e ela não chegava. Quem sabe já entrou? - pensei esperançoso... Fui à bilheteria rapidamente e ao introduzir-me na sala escura, fiquei a procura-la em vão.

O filme acabou e o que restava fazer era ir embora. Saí mal-humorado, hábito infeliz que já me trouxe muitos dissabores e impediu que eu tivesse muito mais momentos alegres na minha vida, sem falar é claro, do prejuízo que trouxe à minha saúde.

Cheguei em casa com semblante carregado, minha mãe me perguntou:

– O que foi, meu filho?

– Nada. - respondi secamente e, no fundo, era verdade! Estava nervoso porque nada do que esperava aconteceu. O errado é que sempre nos irritamos por um nada que nem merecia nossa preocupação, pois, com certeza eu tinha enormes chances de rever a moça e não valeu a pena ficar tão zangado por tão pouco.

Fechei-me no quarto e tirei a roupa contrariado. E agora? Como a encontraria novamente? Precisava saber alguma coisa sobre ela! Estava com raiva. Simplifiquei os preparativos costumeiros para dormir e enfiei-me embaixo da coberta. Minha mãe e meus irmãos já me conheciam o temperamento difícil e respeitaram meu silêncio. Fechei os olhos, mas não conseguia dormir.

Curioso é que eu achava sempre estar preparado para o sono, mas dentre todas as coisas que fazia como ir ao banheiro, beber água, preparar minha

roupa para o dia seguinte, acertar o relógio, etc..., jamais me lembrei de que antes de nos entregarmos ao repouso corporal, devemos nos sintonizar com o Criador para que possamos desfrutar de maneira equilibrada desta benção que Ele nos oferece.

Virava de um lado para o outro na cama e tinha a impressão de que se eu abrisse os olhos veria aquela encantadora mulher na minha frente e poderia deslizar as minhas mãos pelos seus cabelos. Mais ao acordar várias vezes durante noite, não a encontrei ali e o único jeito era tê-la povoando os meus sonhos de jovem apaixonado.

Retornei ao cinema no mesmo dia e hora duas ou três vezes e a decepção se repetiu. Cheguei à conclusão de que não mais a encontraria. Dei, então, asas ao mau humor. Tornei-me irascível e via em tudo e todos uma provocação. Que tolice! Quanto de bom que a vida me oferecia deixei de aproveitar por causa da minha tamanha imaturidade!

Meus familiares já não sabiam o que fazer para impedir minhas explosões de mau gênio, que nunca foram tão frequentes. Saía de manhã para a loja com uma carranca que espantaria qualquer freguês se eu fosse o vendedor. Num dia em que meu azedume se fez maior, Haroldo, então fraterno, inquiriu-me:

– O que você tem, César? Algum problema em casa?

– Acho é que o cupido já me flechou...

– Mas isso é tão contraditório. É coisa para se comemorar - Disse ele sem entender meus motivos.

– Só que não tenho como revê-la e nem ao menos sei o seu nome!

– Como pode ser isso homem de Deus!

Então contei-lhe toda a história. Meu amigo achou que estava dramatizando demais a situação (no que estava certo), mostrando que mais dia, menos dia, quando menos contasse, estaria diante dela. Mas eu não estava disposto a esperar. Achava que Deus deveria dar-me tudo que eu quisesse na hora que eu determinasse, esqueci de que Ele tem a sapiência suprema e, muitas vezes, o que parece um bem agora, mais tarde pode tornar-se um mal. Não compreendia que tudo tem seu tempo e que no Universo tudo caminhava para a harmonia e a perfeição. Vivia esquecido de que o Pai é Deus e que criou tudo que existe, obviamente sabe dar a seus filhos o que for melhor e na hora certa.

N verdade, eu agia como quem não sabe solicitar, e caí no erro de exigir de Deus o que ainda não estava preparado para receber. Mas, apesar da minha teimosia (que era uma das minhas maiores imperfeições), as palavras de Haroldo acalmaram de certa forma os meus ânimos internos e tornei-me mais comedido, retraindo meus impulsos inferiores. E assim fui levando a vida, sem esquecer aquela jovem que não conseguia reencontrar.

Capito IX

Finalmente...

Amanhã estava ensolarada. Apesar de toda luz que me envolvia por dentro, minha alma estava em trevas, meu mau humor já estava, infelizmente, tornando-se crônico. Sentia-me sufocado e resolvi sair de nosso cômodo de trabalho e dirigir-me à frente da loja para tomar um pouco de ar puro.

Haroldo, nesse momento, dava instruções aos vendedores e, apesar de não dizer nada observava-me preocupado com meu jeito arredio e infeliz que já durava muito mais do que ele esperava. Debrucei no balcão e fitava a rua sem nada ver, mas de repente duas belas moças chamaram-me a atenção. Automaticamente, dirigi-me até elas e as atendi pessoalmente. Meu azedume dissipara-se como que por encanto. Sorria prestimoso e mostrava os melhores artigos do estabelecimento. Ao final de alguns minutos, elas saíram levando uma considerável

soma em comprar e eu, novamente encostado no mesmo balcão, também olhava a rua sem perceber o que acontecia lá fora, só que agora sorria de quando em quando.

Meu amigo de todas as horas aproximou-se de mim, dizendo brincalhão:

– Vejo que enfim esqueceu a mocinha do cinema!

– Nem pense nisso! Estou mais apaixonado do que nunca...

– Não é o que eu vi a pouco. Estava todo solícito com aquelas duas moças bonitas que chegaram. Fez como se fosse um dos vendedores. E olha que você não é disso!

E Haroldo tinha razão, eu não gostava de atender os fregueses. No meu orgulho, eu achava que, se vez por outra substituísse algum dos empregados, estaria me rebaixando, já que era um dos donos da loja. Esquecia-me de que toda ocupação honesta é grande aos olhos de Deus e que precisamos respeitar todas as profissões, por mais humildes que sejam.

Com novo brilho no olhar, respondi:

– Era ela, Haroldo! A moça de vestido estampado é a que vi no cinema!

– Não me diga! – falou meu amigo, boquiaberto.

– Digo mais, companheiro! Seu nome é Clarice e já marcamos um encontro!

– Mas você não perde tempo hein?! Imagino o que fará quando ficar algumas horas perto dela! - Disse fazendo pilhéria.

– Nem pense nisso! Serei o namorado mais carinhoso e respeitador que já se viu neste lugar! Só não podia perder tão boa oportunidade!

– Tem razão, César! Estou brincando, amigo! Fico feliz por vê-lo recuperar a alegria. Já estava preocupado com o seu jeito dos últimos tempos.

– Mas agora isso é passado! Com uma namorada tão meiga e bonita, estarei sempre de bom humor! - disse, eufórico.

Após aquela injeção de ânimo, retornei ao trabalho, resolvendo questões que a muito tempo deixara pendentes. Organizei minhas gavetas cantando, para espanto de todos, pois esta tarefa sempre me irritava bastante. Saí da loja depois do horário habitual sem reclamar e cheguei em casa assobiando. Mamãe estranhou a mudança repentina, mas deu graças a Deus pelo término daquela minha péssima fase, e perguntou-me aliviada:

– O que aconteceu, filho? Viu passarinho verde?

Eu respondi, fazendo troça:

– Não, mamãe, vi foi uma flor muito bonita na loja.

Ela, entrando na brincadeira, completou:

– E, com certeza, essa bela flor usa saias, não é mesmo?

Depois de uma sonora gargalhada, encerrei o assunto:

– A senhora é muito esperta!

Andava de um lado para o outro em frente à bilheteria. Olhava no relógio de minuto a minuto. E se ela não viesse? Com certeza não me faria uma desfeita daquele porte, pensava, tentando acalmar-me.

Passados mais uns dez minutos, que me pareceram umas dez horas, ela apareceu, de braço dado com a tia e a prima, as mesmas que a acompanharam no dia memorável em que vi Clarice pela primeira vez naquela existência física.

Aproximei-me um pouco sem graça. Ela sorriu, encorajando D. Judith; Fiz questão de pagar o ingresso das três. Em seguida, entramos. Dei um jeito de me sentar perto de Clarice. Mexia as mãos nervosamente sem coragem de segurar as de minha namorada. O filme começou e, num ímpeto de coragem, pus minha mão trêmula sobre a dela. Era macia e quente. Para minha felicidade, não me repeliu. Mas, confiante, entrelacei nossos dedos. Só então consegui encará-la.

E aquele belo sorriso, que não saía mais da minha memória, aqueceu-me o coração. Sentia-me cada vez mais próximo da plena realização pessoal. Era jovem, belo, saudável, tinha meu próprio negócio e agora encontrara a mulher dos meus sonhos. A mais linda e cheirosa de todas as moças que já tinha conhecido. Naquele primeiro momento, não preocupei-me com suas qualidades interiores, fixando-me apenas na sua aparência exterior. Finalmente, aos poucos fui descobrindo ser ela generosa e educada.

Minha única restrição era a seus modos. Costumava dar gargalhada alta e era, a meu ver, um pouco extravagante para se vestir, usando cores fortes e maquiagem um tanto carregada. Mas ao mesmo tempo que isso me incomodava, também me atraía, pois a tornava mais bela, não se podia negar.

Lamentei o final da sessão, porque nossas mãos separaram-se. Um olhar de Clarice pediu que me contivesse, evitando causar uma desagradável impressão à sua tia. Levei-as até sua casa. As duas entraram e minha namoradinha ficou para trocarmos mais algumas palavras.

Então, quando nos veremos novamente? – perguntei ansioso.

– No próximo sábado.

– Por que não antes? – disse, queixoso?

Ela respondeu cautelosa:

– É melhor assim por enquanto... Depois que minha família conhecê-lo melhor, aí sim poderemos nos ver mais amiúde.

Tentando ler seus mais íntimos pensamentos por suas palavras, indaguei:

– Isso quer dizer que pretende fica ao meu lado por muito tempo?

Ela, então, falou evasiva:

– Pode ser...

Segurei suas mãos entre as minhas.

– Por favor, Clarice, fale sério.

– Mas não estou brincando, César. Só acho que precisamos ter cautela antes de assumir um compromisso com alguém. E nem sempre o que nós queremos vem a acontecer.

– E você quer que nosso namoro continue?

– Quero – disse olhando bem dentro dos meus olhos.

Num impulso, tentei beijar-lhe a boca. Mas ela, arisca, fez com que o beijo lhe pegasse no rosto, despedindo-se:

– Até sábado à noite.

Segurei-lhe a mão novamente e só larguei quando a distância entre nós não permitia mais o contato físico, mas o meu olhar alcanço-a até que desaparecesse atrás da porta.

Mal podia esperar a chegada do próximo fim de semana...

Capítulo X

Diálogos

Quando já não continha mais a ansiedade, chegou o dia de rever Clarice.

Desde manhã todos os meus pensamentos e energia estavam voltados para isso. Nada podia dar errado. Mesmo debaixo da maior da tempestade, seria capaz de ir até a casa dela. Mas para minha felicidade a noite chegou estrelada e a lua cheia foi minha grande cúmplice.

Estávamos na sala, conversando sobre trivialidades. Tentando criar, então, uma oportunidade para ficar pelo menos alguns minutos a sós com minha namorada, disse, como quem não quer nada:

– Há muito tempo não via uma lua cheia tão bonita.

Clarice, entendendo minha artimanha, disse, fingindo inocência:

– É mesmo?! Pois ainda não saí de casa depois que escureceu. Podemos ver a rua, titia?

A senhora, talvez se lembrando dos tempos de mocidade, respondeu sorrindo:

– Vão, mas não se demorem. Lugar de namoro é dentro de casa!

– Sim, senhora! – dissemos em uníssono e de mãos dadas.

Lá fora, sentimos uma aragem fresca tocar-nos a pele. Demos alguns passos. Paramos. E quando já ia beijar-lhe a boca, ela saiu dizendo:

– Você não ia mostrar-me a lua?

Sorri também e disse:

– Claro que vou, mas antes você vai ter que mostrar as estrelas.

Nesse momento, ela apontou o céu, falando:

– Olha lá que tem uma porção!

– Aquelas lá eu já vi, quero outras bem diferentes... – brinquei, apertando-a em meus braços.

– Mas quais estrelas você quer ver, César? - Perguntou, fazendo-se de desentendida.

– Vou mostra-lhe... – respondi baixinho e beijei-a demoradamente.

Senti-me cada vez mais leve e, apesar de não ter visto nenhuma estrela, pensei ter chegado ao céu.

Quando abri meus olhos, tive a impressão de ver os de Clarice cintilar.

– E a lua? – indagou ela, sorrindo.

– O quê? – disse meio atordoado.

Ela deu uma gargalhada que me chamou à realidade:

– Ah, é! Olhei! – falei, mostrando o satélite brilhante.

– Que linda! – exclamou ela admirada, enquanto eu acariciava seus cabelos.

Sem querer, fiz a ela a seguinte pergunta:

– Você já teve muitos namorados?

Ela me olhou nos olhos:

– Não. Por quê?

– Por nada. Curiosidade...

Meio cismada, Clarice tentou investigar meu íntimo:

– Se não fosse assim, faria diferença para você?

Respirei fundo e respondi com toda sinceridade:

– Não sei, talvez...

– Então, no fundo, você só admitia a resposta que lhe dei.

– Esqueça... Nem sei por que tive a ideia de lhe perguntar isso.

Ela ficou em silêncio, olhando o céu. Eu fiz o mesmo. Poucos minutos depois, sua prima veio chamar-nos. Entramos, conversamos bastante, mas naquele dia a minha garota não sorriu nem mais uma vez.

O tempo foi correndo e, a cada dia que passava, via-me mais apaixonado, apesar de não termos quase nenhuma liberdade para namorar.

Clarice era órfã e fora criada pela tia desde os seis anos de idade. D. Judith, por isso, tinha excessivo cuidado com a sobrinha temerosa de que a vizinhança tomasse qualquer condescendência como descaso pela reputação daquela que, inicialmente, lhe fora confiada pelas circunstâncias e não pela vontade.

Mas a verdade é que, com o passar dos anos, a minha linda namorada havia conquistado todos os corações da casa, e a tia já dava provas de ter por ela verdadeira dedicação de mãe. Também, como seria possível não amar Clarice? Tão alegre, tão cheia de vida e tão linda!

Ah! Não via a hora de nos casarmos! Para espanto de todos, com pouco tempo de namoro, já estava falando em noivado. Esperar mais o que? Alé do receio de que outro tomasse meu lugar em seu

coração, tinha meu próprio negócio, que me proporcionava uma boa renda mensal. A tendência era só crescer profissionalmente.

Ela não tinha pais e morava com parentes, por melhor que fosse, não era a mesma coisa que ter sua própria casa. Para facilitar as coisas, tinha herdado de meu pai uma boa casa, porque mamãe, quando enviuvada, já tinha feito a partilha dos bens do casal. A residência em que morávamos na época já pertencia à minha irmã, que não e casara. Era só fazer uma pequena reforma na minha, comprar os móveis e marcar a data do casamento!

Clarice ficou doente. Queria, tanto quando eu, ter um cantinho só nosso, onde pudéssemos ficar à vontade, trocar beijos e juras de amor eterno sem a preocupação de que alguém pudesse nos surpreender a qualquer momento. Além, é claro, da liberdade que teríamos para sair sozinhos à noite, coisa que nunca fazíamos por jamais termos conseguido a permissão de D. Judith.

E assim, no dia do aniversário de Clarice, ficamos noivos. Tudo saiu perfeito. Era um domingo e as duas famílias reuniram-se na casa de sua tia. Minha noiva, como era de costume, usava mais um de seus vestidos estampados. As cores eram fortes. Usava batom e rouge demais para aquela hora do dia. Pensei em chamar-lhe a atenção, mas tive medo de estragar o dia mais feliz da minha vida.

Resolvi calar-me, esperançoso de após o casamento coloca-la nos eixos.

A comida estava deliciosa e conversamos animadamente durante a refeição. Quando os presentes propuseram um brinde ao jovem casal, emocionei-me. E, com aquele gesto simples e significativo para nós dois, julguei que consolidávamos para sempre a nossa felicidade.

Capítulo XI

Começam a viver

Estava na igreja e faltavam poucos minutos para a chegada de Clarice.

Em pé no altar, só Deus sabe o quanto estava nervoso. Um medo ridículo tomou conta de mim: “E se ela não vier?” Pensava a minuto. Mas às vezes a razão falava mais alto e eu pensava: “Por que ela desistiria agora?” Aí, acalmava-me um pouco para suportar a torturante espera. Quando pensei que não aguentaria mais ficar parado ali, vi Clarice entrar de braços dados com seu tio. O alívio que senti naquele momento é indescritível. Ela parecia uma miragem que se aproximava pouco a pouco. O véu comprido envolvia o seu corpo e uma bela grinalda enfeitava seus cabelos sedosos. Nas mãos, trazia o mimoso buquê de margaridas. O sorriso que tinha no rosto derrotou todos os meus temores. Iríamos nos casar e com certeza nossa vida conjugal seria muito, muito feliz! Ninguém poderia tirá-la de

mim, pois ela seria minha para sempre. Nossos destinos estavam unidos e, a partir daquele dia concretizaríamos todos os nossos sonhos do namoro e do noivado. Teríamos nossos filhos, eu expandiria meus negócios e tudo correria como havíamos planejado.

Dissemos sim um para o outro. Dissemos sim para o futuro. Mas, infelizmente, eu não soube dizer sim, para o perdão.

Nossa lua de mel foi numa cidade praiana. Clarice deliciava-se com os banhos de mar. Na água, parecia uma criança grande. Dava gritinhos e gargalhadas que chamava a atenção dos outro e isso me irritava sobremaneira. Só que, bem pior do que vê-la assim, era observá-la caminhando na areia. Esse tipo de passeio, à época, já era costume tradicional na maior parte da família e, em contrapartida os maiôs femininos encurtavam, mostrando cada vez mais o corpo, atraindo olhares... E, é claro, que minha jovem esposa rendeu-se à moda com maior naturalidade. Não me espantei, pois já conhecia seu temperamento, mas demonstrei claramente que não aprovava o traje. Ela, muito astuta, fingiu nada perceber e continuou a usá-lo. Eu, para não arrumar briga no primeiro mês de casamento, engoli as palavras de reprovação com muita dificuldade. Consolava-me ao pensar que o verão não dura o ano todo e, que mesmo nessa estação, raras vezes iríamos tomar banho de mar. E, assim,

acabei convencendo-me de que não valeria a pena criar atritos por uma situação que certamente não faria parte da nossa rotina. Mas alguns dias após surgiu, inesperadamente, a oportunidade ideal para resolver a história do maiô.

Clarice pediu-me que a levasse ao cassino. Relutei, mas acabei cedendo, porque o pedido veio acompanhado de doces beijos.

Ela vestiu sua melhor roupa, caprichando no pó de arroz, rouge e batom. Achei que estava exageradamente pintada. Mas como já estávamos de saída, não toquei no assunto.

Ao chegarmos, percebi que o ambiente era ainda pior do que eu imaginara a princípio. Muitos estavam no jogo horas a fio, em busca do lucro material sem esforços, e não percebiam que estavam jogando fora precioso tempo de sua permanência na carne, que nos foi dado para que nos melhoremos e também contribuamos para o progresso daqueles que nos rodeiam.

Os olhos de Clarice brilhavam. Estava encantada com todo aquele luxo e movimento. Na hora show, sua euforia chegou ao ápice. Dava a impressão de querer trocar de lugar com a estrela que estava no palco. Encontrava-se fascinada pelas roupas coloridas e pela dança provocante que era apresentada. Gelei. Ainda bem que nos casamos antes de que ela pudesse optar por essa carreira, concluí aliviado.

Assim que foi possível, dei um jeito de irmos embora.

Durante todo o caminho de volta ao hotel, Clarice falava da beleza do cassino e da artista que ela achara maravilhosa. Já no hotel, percebendo que o lugar não me entusiasmara, disse meio desapontada:

– Você não gosta disso. Foi só por que eu pedi, não é?

– É sim.

– Não gostou nem do show?

– Não.

– Duvido – disse ela um pouquinho enciumada.

– Por que duvida? – perguntei para sondar-lhe os pensamentos.

– Porque as pernas dela estavam de fora.

– E daí? Você também mostra para todo mundo ver... – falei tentando repreender-lhe sutilmente.

– Mas é diferente! – disse ela assustando-se.

– Qual diferença pode ter? – disse eu já com tom de provocação.

– É um traje de se usar na praia.

– E aquele é para se usar no palco – disse para deixa-la sem argumento.

– Ah, César, não pode se comparar...

– O bom senso deve imperar tanto no palco quanto nos banhos de mar.

Ela ficou em silêncio. Olhei para seu rosto e vi que seus olhos estavam úmidos. Fiquei com pena e contemporizei:

– Não acredito que vamos brigar por causa de um artista que talvez jamais reencontremos pessoalmente.

Clarice disse olhando-me nos olhos.

– Você faz questão que eu use um maiô mais comprido?

– Gostaria muito – disse, sentindo o gosto da vitória.

– Amanhã você vai comigo à loja para me ajudar a escolher?

– É claro, meu amor – falei, beijando-lhe as bochechas macias.

E, no dia seguinte, passamos a tarde fazendo compras.

Capitulo XII

Sonhos...

Nossa vida era um mar de rosas! Clarice pouco a pouco foi contendo seus exageros para me agradar. Eu, para garantir minha felicidade conjugal, naqueles tempos de equivocados pontos de vista, deixava-a sempre sob controle. Enquanto eu ficava na loja, Luzia ficava em casa para ajudar vigiar Clarice, porque eu sempre perguntava à nossa empregada como havia sido o dia anterior, colhendo sutilmente informações sobre todos os passos de Clarice. A minha dedicação a ela era muito mesclada de desconfiança. Sem saber o porquê, tinha muito medo de ser traído, ou melhor, trocado por um outro mais abastado e interessante.

Minha esposa nunca saía desacompanhada e passava a maior parte do tempo em casa, ocupando-se de mim e das minhas coisas.

Quis trabalhar fora, mas meu ciúme deu um jeito de tirar-lhe a ideia da cabeça.

Clarice parecia ser feliz ao meu lado, tanto quanto eu era ao seu lado. Estava sempre cantando junto com as vozes que vinham do rádio e passava as tardes com Luzia, cuidando do nosso pequeno jardim ou fazendo quitutes para me servir no jantar.

Eu trabalhava, mas toda minha atenção era voltada para o meu lar. Ficava sempre imaginando qual a surpresa que minha querida reservaria para mim. Sempre eram coisas boas, mas, lá no fundo receava que um dia ela me surpreendesse de uma maneira terrível e definitiva.

Estava atrasado. Certamente Clarice já estaria ansiosa me esperando no portão. E até que chegasse à casa, tomasse o meu banho, jantasse e conseguisse aprontar-me com a minha vagareza de sempre, perderíamos precioso tempo do nosso passeio. O trabalho na loja esteve mais agitado que o costume e realmente foi impossível termina-lo mais cedo. Sabia o quanto minha esposa gostava de sair à noite e por isso sentia-me culpado, mesmo não tendo culpa do inesperado atraso. Finalmente vivíamos um momento tão esperado do nosso relacionamento. E queríamos aproveitar ao máximo. Queríamos espalhar nossa alegria pelos quatro cantos do mundo, para que todos

os casais pudessem ser tão venturosos quanto nos sentimos naquelas semanas.

Clarice adorava dançar e, naquela noite, pretendíamos ir do foxtrote ao boogie-woogie. Aquela foi a maneira que encontramos para comemorar tudo de bom que estava nos acontecendo.

Apressei os passos. Andei quase correndo e, ao final de alguns minutos, pude avistar nossa casa. Estranhei o fato de não encontrar minha esposa no lugar de sempre. Aí, já correndo, cruzei o jardim. Ao abrir a porta, ouvi soluços que vinham do nosso quarto. Sem me dar conta, cheguei até lá. Clarice estava deitada de bruços chorando copiosamente. Abraçando-a fortemente perguntei confuso:

– O que foi, amor?

Ela, engolindo o choro, respondeu:

– Eu não estou grávida...

– Outra vez?! Mas o Dr. Júlio não disse que tudo levava a crer que nosso bebê estava a caminho? Como isso pode acontecer?!

– Não sei! Acho que nunca vamos ter nosso filho! - disse com grossas lágrimas a escorrer-lhe pelas faces.

Ver minha mulher assim doeu-me o coração, mas, mesmo triste, tentei animá-la:

– Não foi agora, será mais tarde... Não precisa sofrer dessa maneira, querida.

– Mas já tentamos há uns cinco anos e toda vez é uma nova decepção – falou já quase sem esperança.

– Não vamos pensar no pior - pedi, agarrando-me aos últimos resquícios de otimismo que ainda guardava no peito.

Clarice olhou-me nos olhos e disse algo que eu jamais pensara ouvir de tua boca.

– César, se eu não conseguir engravidar, você aceita que adotemos uma criança?

Fiquei tão perplexo que demorei um pouco para responder:

– Sei lá! Nunca pensei nisso. Será que é a mesma coisa?

– Claro que sim! O amor é mais forte que tudo e não escolhe sangue. Promete que pensará no assunto com carinho? - rogou, segurando a minha mão.

– Prometo. E, quando tiver uma resposta, conversamos novamente. Ah! Tem uma coisa! Se você não parar de chorar eu nem vou me preocupar com isso - disse, tentando fazer mudar-lhe o ânimo.

Ela, mais que depressa, tentou enxugar o rosto com as mãos e forçou um sorriso que mais parecia careta.

– Então, o que vamos jantar? – indaguei, para mudarmos de assunto.

Clarice levou as mãos à cabeça e exclamou:

– O jantar! Eu me esqueci completamente, e Luzia tirou folga!

– Essa tarefa não é minha, mas, como sou um bom marido, vou ajudar você. Só não vale ficar mal-humorada hein...?! – brinquei, beijando-lhe o rostinho vermelho.

Improvizamos uma rápida refeição e fomos dormir sonhando com a noite que não tivemos.

Capítulo XIII

Mágoa que castiga

A frustração do nosso plano de ter um filho não conseguiu destruir nossa felicidade, ou melhor, a minha, pois não sabia o que se passava com Clarice.

Fui protelando, dia após dia, a resposta que prometera à minha esposa sobre a adoção. Na verdade, ela desejava a criança muito mais do que eu, porém, evitava fazer-me perguntas, talvez receosa de aborrecer-me, ou de receber um não que estava desesperada para ouvir.

Eu, de minha parte, procurava suprir a falta do bebê. Desdobrava-me em carinhos e mimos e, do melhor modo que me era possível, dedicava-lhe todo o meu amor, em perfeito, é bem verdade, mas imensamente sincero.

E assim desfrutava ao máximo da doce vidinha de casado. Os deliciosos lanches pela manhã, os

jantares aconchegantes, as sonecas das tardes de domingo... Tudo, tudo reafirmava meu coração de que meu singelo mundinho particular era sólido e inatingível.

Mas como eu estava enganado!!!

As lembranças dos meus dias felizes eram meu único alento. A mágoa e a culpa tornaram a minha mente desequilibrada e doentia, o que acabou por alterar-me a química do corpo físico, debilitando o meu sistema imunológico e perturbando o funcionamento dos órgãos, o que facilitou a instalação de enfermidades. Eu não fazia ideia do incalculável poder do pensamento sobre nosso campo emotivo, que tanto elabora quanto extingue muitos distúrbios orgânicos e psíquicos. Agora sei que as doenças originam-se do mal uso da saúde e da desorganização mental, e que só as mentes habituadas a exercícios disciplinares e educativos podem reunir recursos equilibrantes para conservar uma vida sadia.

Graças ao carinho dos parentes e amigos, ainda consegui resistir por algum tempo no plano material. Mas como cada um é o artífice do próprio destino, acabei por deixar minha instrumentação física sem as condições necessárias para manter-me na Crosta até o final do tempo previsto antes da minha reencarnação. E então, quando me dei conta, já estava do outro lado da minha vida...

A mágoa é destruidora da felicidade, é sentimento que trava nossa criatividade, inibidora de nobres realizações. É como uma nuvem que nos impede de viver, de caminhar, de sentir a vida; Deixamos escravizados às lembranças desagradáveis que poderíamos evitar se soubéssemos perdoar, tanto aos outros, como a nós mesmos, como foi o meu caso.

Mas não é só. Além de atormentar a mente, de desfigurar os sentimentos, a mágoa ainda atinge nossas defesas orgânicas, sendo geradora de dores, enfermidades, sendo também responsáveis por rompimentos de relacionamentos, entre outros prejuízos.

Entre tais prejuízos está também o assédio obsessivo causado por espíritos mal intencionados ou vingativo que se aproveitam da guarda mental, da disciplina moral, das brechas que lhes abrimos espiritualmente para o processo de influência negativa, espiritualmente falando, com reflexos no comportamento e mesmo no ambiente da família.

A mágoa situasse, sim, entre um dos fatores causadores das obsessões, justamente porque abre os canais para sintonia com mentes desequilibradas, rancorosas ou vingativas.

Deduz-se, pois, que é de nosso próprio interesse libertamo-nos de mágoas, sejam elas causadas por supostas ofensas que julgamos estar na condição de vítimas, ou aquelas oriundas de culpas, remorsos ou arrependimentos.

E há reflexos, obviamente, no plano espiritual, após a desencarnação. Criaturas que partiram para um mundo espiritual com sentimentos de ódio, vingança, ou magoadas e ressentidas, tendem a colher as danosas consequências desses sentimentos que se refletem diretamente nas condições espirituais que encontram imediatamente após o decesso do corpo. Nada mais lógico, não como castigo, mas como consequência do comportamento adotado e permitido a si mesmo.

E como se trata de tema sempre presente nos relacionamentos humanos, precisa ser alvo de elucidações que ajudem as criaturas a se libertarem desses prejuízos. Por isso, não há dúvidas, relacionamentos baseados na fraternidade, na compreensão dos sentimentos alheios e também na autovalorização, constituem salutar defesa para a saúde do corpo e da alma.

Mas minha história prossegue. E agora percebo que erros e mágoas guardadas para nada servem. Embora consiga enxergar isso com maturidade nos dias atuais, reconheço os imensos prejuízos que causaram em mim e naqueles que comigo conviveram.

Como estamos todos, todavia, num grande processo de aprendizado, lamentar não é o melhor caminho...

Segunda Parte

No Plano Espiritual

Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro:

“Senhor, quantas vezes perdorei o meu irmão, quando
houver pecado contra mim?

Até sete vezes?”

– Respondeu-lhe Jesus: “Não vos digo que perdeis
até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.”

(Mateus, cap. 12:21-22)

Capítulo I

Lembranças

-E são esses, meu amigo, os principais lances da minha última passagem pela carne.
O psicólogo, com olhar compreensivo, procurou animá-lo:

– César, não há motivo para continuar com essa tristeza guardada no seu coração. Não há dúvidas de que você errou, mas Deus é amor e vai lhe dar inúmeras chances de reparar suas faltas. Além do mais, pelo seu discurso desde a nossa primeira sessão, noto que você já progrediu significativamente, porque, em várias partes da sua narrativa, percebi o senso crítico entrando em ação.

Respondi, esboçando um sorriso:

– Ah, Guilherme, você sabe como me animar! Se não fosse a sua dedicação e carinho, acho que teria enlouquecido.

Dando-lhe um abraço, o outro respondeu sabiamente:

– Não me agradeça, meu irmão, e sim a Jesus, que vela por nós incansavelmente há milênios. Faça apenas minha obrigação. E em nossos próximos encontros com certeza faremos muitos outros avanços no seu tratamento e brevemente muitos de suas dúvidas desaparecerão.

César saiu do consultório pensando na vida. Estava vivendo um tempo de paz. Aquela colônia espiritual era um lugar onde havia encontrado a fraternidade, apesar do crime que cometera. Lá, ninguém o julgava; ao contrário, estendiam-lhe as mãos. Olhavam-no com respeito e amizade. Davam-lhe chances de se recuperar e aprender. E, nessas conjecturas, começava a vislumbrar o entendimento da bondade divina que nos amparam nos nossos momentos bons e nos difíceis também.

E, enquanto voltava para retomar suas atividades diárias, ia lembrando de tudo que lhe acontecera desde que deixara o corpo na Crosta...

Uma densa nuvem dominava aquele lugar desconhecido.

César andava às cegas, procurando localizar-se.

De quando em quando, gritos cortavam o silêncio aterrador.

– Corra, que lá vem ele!

– Tirem-me daqui!

– Socorro!!!

Além dos gritos, ele ouvia sons de gente sendo espancadas. O barulho das chicotadas pareciam ecoar-lhe nos ouvidos incessantemente.

– Onde estou?! Clarice! Clarice! – Bradava César desesperado.

Mesmo naquela situação, deveras crítica, ele não esquecia da amada que assassinara por ciúme e buscava encontra-la, custasse o que custasse.

Havia água correndo, mas não conseguia ver-lhe a cor.

Com certa frequência, raios luminosos coloridos, semelhantes a relâmpagos, rasgavam o nevoeiro, permitindo ver um pequeno regato e alguma grama que minimizava a fome e dessedentava-lhe o corpo espiritual.

Vagava a esmo, sem saber o que estava acontecendo.

Chamava tanto pela esposa que sentia a garganta doer. Chorava, rastejava, culpava-se, arrependia-se...

Os anos foram passando e cada dia naquele lugar parecia infinito. E oito anos se passaram no relógio terrestre, mas César pensava lá estar há uns oito séculos.

Em vão procurava aliviar o sofrimento com o que se encontrava ao seu redor andando horas e horas até cair exaustado no meio da lama.

Tinha as roupas esfarrapadas e sujas. Sentia-se irremediavelmente perdido, mas em determinado momento, cansado de olhar para o exterior, ajoelhou-se e viu Jesus com a alma e com o sentimento, tamanha a determinação com que o buscara. Chorou num misto de remorso e amor, pedindo:

– Senhor, preciso encontrar Clarice! Dizer-lhe que a amo e que erros todos cometemos! Minha Clarice! Leve-me a ela, por misericórdia!

Então sentiu que braços amorosos conduziam-no ao repouso, e César dormiu.

Sim, a vida no plano espiritual, feliz ou atormentada, é fruto de nós mesmos. Somos nós os autores de nossa felicidade ou de nossa desdita, sempre me função dos sentimentos e comportamentos morais que adotamos. Comigo não foi diferente, como pôde perceber o leitor.

Capítulo II

Como reencontrá-la?

Ele acordou. Abriu lentamente os olhos e percebeu que o nevoeiro não existia mais. Chamou-lhe a atenção a simplicidade e a beleza do ambiente. Novas dúvidas: onde estou? Fazendo o quê? Quem me trouxe? Por que me trouxe? E Clarice? Será que vou reencontrá-la? Será que Jesus ouviu minhas preces?

Passando um breve tempo, uma jovem, sorridente e meiga, entrou no quarto e disse com suavidade:

– Como está meu irmão? Tem alguma coisa que posso fazer por você?

– Nobre senhora, é aqui que encontrarei Clarice?

– Calma, meu amigo. Pode não ser aqui, mas será a partir daqui. Dependemos de sua determinação para reformular seu íntimo, testemunhada com atos e emanações de sentimentos

grandiosos que farão maior ou menor o tempo para o reencontro. Você acredita que pode levantar-se? Venha conhecer o jardim!

Aparado por ela, César andou, ainda lentamente.

– Meu Deus, margaridas! As flores preferidas dela – continuou.

– Quem sabe depois de um pouco mais fortalecido, cuidar das flores não o aproxime dela? Fortaleça-se! As pequenas tarefas serão um bom começo! E Deus, o Pai de amor, trará sua esposa até você.

O sorriso de César mostrou àquela bela moça que ele havia acolhido a ótima sugestão e que a partir dali, começaria uma nova fase de sua vida.

Com o passar dos dias, nosso amigo foi se adaptando ao novo ambiente. Achava tudo mais bonito que na superfície terrestre. As cores pareciam mais vivas e as flores, mais viçosas e perfumadas. As pessoas eram sempre agradáveis e isso faziam com que ele se sentisse seguro na sua vida no além.

Logo que se percebeu em condições de trabalhar, seguiu o conselho da amiga espiritual, solicitando permissão para cuidar do jardim do hospital e de alguns outros da colônia.

Na Crosta fora comerciante, mas lá não havia lojas e foi com alegria que se transformou em jardineiro. Trabalhava com afinco e dedicava às flores todo o carinho que ainda não podia dar à sua esposa. Era também uma maneira de diminuir sua ansiedade pelo reencontro com ela.

Comparecia pontualmente às sessões do psicólogo. Graças a isso, estava conseguindo reequilibrar-se e a cada dia sua afeição por Guilherme aumentava. Ele era um belo rapaz, sorridente e alto. Muito companheiro, tinha sempre um tempinho disponível para conversar, mesmo fora dos horários predeterminados para os atendimentos. César sentia que ele sinceramente queria vê-lo bem e tentava ajuda-lo ao máximo possível não apenas como atendente, mas como um irmão.

Assim, trabalhando e aprendendo, ele ia se aproximando cada vez mais da hora em que estaria frente a frente com sua amada.

Como de costume, César ia ao encontro de Guilherme. Naqueles momentos, buscava força para reerguesse cada vez mais. Aos poucos foi perdendo a timidez e conseguia abrir totalmente o seu coração para aquele em quem já não via um médico ou terapeuta, mas um amigo do peito. Para ele contou coisas que jamais falara a quem quer que fosse.

Revelava seus pensamentos mais ocultos e suas atitudes mais reprováveis. Não saberia dizer por que, mas sabia que podia confiar nele. Sentia, no íntimo do ser que o objetivo de Guilherme era vê-lo feliz e totalmente recuperado.

Caminhava tão entretido, pensando na vida e apreciando as belezas do caminho, que, quando percebeu, já estava no local do encontro.

– Entre, César! Tenho uma ótima notícia para você!

– Vou me encontrar com ela?! – disse ansioso o outro.

– Ainda não. Mas já daremos um grande passo para isso.

– E o que vai acontecer, então?!

– Bem, você tem trabalhado muito e já realizamos progresso bastante significativo. Sendo assim, recebemos determinações do alto para que algumas de suas dúvidas sejam dissipadas e a luz da verdade o liberte.

– Mas como será isso?

– Faremos uma regressão de memória. Você vai se lembrar de alguns fatos de sua reencarnação passada e aí terá respostas para várias de suas perguntas.

– E é uma coisa segura, Guilherme?

– No nosso caso, sim. Mas é um procedimento que só deve ser utilizado quando realmente for necessário, por motivos sérios, pessoas capacitadas, e não apenas por curiosidade.

– Confio em você, meu amigo. Faça o que for preciso e conte sempre com a minha colaboração.

– Se é assim, deite-se no divã e vamos começar.

César acomodou-se e começou a receber os comandos pela voz do psicólogo.

– Relaxe, César! Sinta cada parte de seu corpo relaxar. Não tenha medo. Respire fundo. Descontraia os músculos das pernas e dos braços, das mãos, da face. Separe um pouco as suas arcadas dentárias. Respire fundo. Não dê atenção aos ruídos exteriores e concentre-se apenas nas minhas palavras. A cada vez que você escutar minha voz, estará mais calmo.

O paciente sentia-se relaxar pouco a pouco, e caiu em um sono que se tornava gradativamente mais profundo.

De repente, entrou no vértice da regressão e que antecede a volta ao passado. César teve a impressão de cair em um rodaminho que o tragará para região estranha. Foi como entrar num sistema de sorvedouro, tragando tudo...

Capítulo III

Regressão

A pós o mergulho, César estava calmo e Guilherme fez o teste.

– Que idade você tem?

– Trinta anos.

– Onde está? – continuou o terapeuta.

– Na minha loja.

– Pensando na minha esposa.

– Explique melhor.

– Tenho que trabalhar, mas não consigo parar de pensar em Clarice.

– Por que pensar tanto nela?

– Não pude almoçar em casa e alguma coisa me diz que algo está acontecendo por lá.

– O que?

– Não sei, mas estou preocupado.

Com o desenrolar das perguntas, Guilherme percebeu que César revivia o dia em que assassinara a própria companheira.

– Vamos recuar um pouco mais – sugeriu o hipnólogo.

Agora dava comandos acompanhados de uma numeração crescente, tal que, cada casa (o que pode ser na base de dez, de sete, ou qualquer outra) representava uma fase passada, sucessiva da regressão.

Após esse procedimento, César foi à infância e logo após à vida intrauterina, da qual relatou algumas impressões.

Guilherme então fez com que ele fosse um pouco mais para trás.

César percebe-se andando por uma rua antiga do século 18 em uma noite quente e estrelada. Passos acelerados e coração apreensivo.

Dirige-se ao seu destino como quem vai em busca de uma oração para se aproximar de Deus.

Após alguns minutos, avista um belo casarão todo iluminado de onde vem o som de uma música alegre. Vários homens entram no local, discretamente,

demonstrando preferir que sua presença passe despercebida.

César entra sem delongas. Busca por aquela que para ele é o amor e a pureza para seu coração inocente e apaixonado.

O salão está repleto. Além da luz que vem dos lustres, as joias das mulheres também iluminam o vasto salão.

Seus olhos ansiosos vasculham o ambiente na esperança de que ela ainda não tenha sido levada por nenhum outro.

Depois de poucos minutos que lhe pareceram horas, abre um grande sorriso ao vê-la sentada apreciando a música e saboreando refinada bebida.

O rapaz aproxima-se da bela moça dando encontrões nos demais parentes e quase tropeçando nas enormes fivelas de seus sapatos, numa atitude mal educada, típica de impetuosidade juvenil.

– Cecília, ainda bem que te encontrei!

– Boa noite, José Antônio. Bebe um pouco.

– Não querida. Quero estar a sós contigo.

– Não sejas tão afoito, meu caro.

– Não posso deixar que mais uma vez te levem de mim.

– Quem te ver falar assim, pensará que não te dou atenção – diz ela com um sorriso brejeiro.

– E por acaso estou a mentir? Bem sabes que é assim!

– Se começarem as cobranças, não estarei contigo hoje.

– Venceste mais uma vez. Não falemos nisso.

– Assim está bem melhor. Agora sente-se e beba. Daqui a pouco estaremos em meu quarto. É uma promessa que te faço.

– Hei de cobrar-te – fala ele, inseguro.

– Fique tranquilo. Cumprirei minha palavra.

Para José Antônio a bebida tem o gosto amargo da dúvida. Não sabe se pode mesmo acreditar no que Cecília disse. E só consegue suportar tamanha angústia porque tem à sua frente a visão que mais almeja e o alegra: a mulher amada.

Por todos os lados existe muito veludo e a cor vermelha impera no local. Os detalhes dourados contribuem para que o ambiente pareça ainda mais requintado.

A todo o momento ouve-se o farfalhar das enormes saias armadas. E os olhos masculinos passeiam nos decotes generosos das belas damas que povoam o concorrido salão.

O jovem veste uma sobrecasaca com um bom tempo de uso e bordados bem modestos. Não há dúvidas de que Antônio é um dos menos aquinhoados frequentadores do bordel e, mesmo sem querer,

apaixonou-se pela cortesã mais bonita e mais cara da casa.

De repente, num gesto raro de ternura, Cecília segura a mão dele e murmura:

– Vamos. Chegou a tua hora.

Ele retribui os carinhos com a avides costumeira e os dois dirigiram-se para o confortável aposento da prostituta.

Novamente José Antônio caminha pelas mesmas ruas estreitas. Os passos rápidos sobre as lajotas de granito produzem um som cadenciado, que demonstra a grande ansiedade de seu coração.

Enfim, está diante do mesmo casarão iluminado. As músicas alegres são as mesmas e sua expectativa também.

Outra vez vai entrando atabalhado à procura da mulher de sempre. Mas dessa vez não a encontra à mesa bebendo. Como na maioria das vezes, ela já está acompanhada de algum cavalheiro mais abastado. Só que entre tantos que a leiloam, um deles a possui quase que diariamente. E mais uma vez lá está ele subindo as escadas ao seu lado. Não restam dúvidas de que se dirigem ao quarto dela. Caminho conhecido muito bem por José Antônio, mas que ele não repete tanto

quanto deseja. O moço sente que Cecília o vê, mas ela finge não ter notado a sua presença. O jovem apaixonado não sabe se ela faz isso para provoca-lo ou poupa-lo; No entanto ele sofre, seja lá qual for a intenção da cortesã.

Numa mistura de orgulho ferido, ciúme e desgosto, o pobre rapaz analisa seu rival. A sobrecasaca impecável, talhada em tecido pesado, com guarnições metálicas e com bordados muito ricos. Os calções ajustam-se ao formato das pernas. A gravata de linho branco destaca-se sobre a jaleca. Os sapatos têm enormes fivelas trabalhadas. E para demonstrar ainda mais o seu prestígio e riqueza, usa cobiçada cabeleira postiça.

A muito José Antônio o observa, mas só conseguiu descobrir que se chama Luiz de Souza Castro e é um médico muito conceituado na cidade. Cecília, deixando um rastro de perfume, acompanha seu mais nobre cliente, sem deixar que ninguém perceba qualquer expressão de alegria ou tristeza sob muito pó de arroz e carmim.

Capítulo IV

Reencontros no tempo

Todos os dias a dúvida o consome. Será que poderei tê-la essa noite? Eis a pergunta que faz moradia na cabeça do pobre José Antônio. Dormirá ou não com ela? Aparecerá alguém mais rico? De sua parte, ou ela ou ninguém. Mas Cecília sempre é capaz de troca-lo por um outro cliente mais abastado. Não merece sua confiança e, apesar disso, não lhe é possível esquecê-la. Já perdeu a conta de quantas das vezes que prometera para si mesma nunca mais procura-la. A verdade é que desde que a viu no bordel, ainda não conseguiu ficar uma semana sem ir ao seu encontro. Suas reclamações, as raivosas promessas e seus lamentáveis ataques de cólera, todos foram levados, pelo vento e novamente podemos encontrá-lo aos pés da meretriz à espera de uma migalha de atenção.

No fundo, bem no fundo, mesmo de seu coração, guarda esperança de que ela corresponda ao seu amor. Sabe que não pode exigir grandes arroubos. Não espera que seja uma chama ardente, mas pelo menos uma pequenina brasa que teima em manter-se acesa, aquecendo aquele coração que parece tão frio como a neve. Pensa que talvez ela seja terna e impetuosa, mas a vida faz com que a sua amada esconda seus sentimentos para que não sofra mais do que já vem padecendo. Nada conhece do seu passado. Não tem ideia do motivo que a levou para aquele triste lugar. Triste sim, pois sem as luzes, nem as músicas, nem a boa comida e as sofisticadas bebidas conseguem esconder que ali, em tão belo salão, há um comércio que desde muito deveria ter sido abolido da face da terra, ou melhor, nem se quer deveria ter existido, porque nós fomos criados para grandes e boas realizações.

A prostituição, mesmo em análise superficial, pode até ser considerada por alguns um grande feito, contudo jamais será considerada boa por alguém, a menos que o desequilíbrio já tenha se instalado em seu íntimo. Mas José Antônio já intui que Deus é capaz de tudo de bom e que Ele reserva milhões de oportunidade de reerguimento para Cecília e para todas as suas companheiras de infortúnios.

Enquanto isso, as horas, os dias e os anos d=se sucedem...

Décadas após esses acontecimentos, lá está José Antônio visitando o mesmo bordel. Já não chega tão aflito e nem precisa correr tanto. Os mesmos olhos apaixonados esquadrinham o salão e encontram Cecília à mesa degustando sua bebida preferida. Aproxima-se com o sorriso de sempre.

– Boa noite, meu caro.

– Boa noite, querida.

– Já não precisas mais vir às pressas para disputar-me, não é mesmo? – diz ela amargurada.

– Ainda bem, Cecília, pois já não sou mais tão jovem...

– E nem eu – completa ela, com os olhos úmidos.

– Pra ti os anos não passam – diz ele, galanteador.

Cecília segura a mão de José Antônio e penitencia:

– Perdoa querido. Nunca te tratei como mereces.

– Sempre há tempo de reparar nossos enganos... – fala, maroto.

– Se é assim, dá-me o teu perdão?

Ele custa responder, enquanto os olhos súplices da prostituta procuram o seus.

– Não é justo! Sabes do meu amor por ti, e te aproveitias disso!

Beijando-lhe os lábios, ela toma resposta como positiva e o leva aos seus aposentos.

A tarde é ensolarada. Na igreja encontram-se poucas pessoas. Só alguns parentes de José Antônio e os amigos mais chegados.

Apesar de já ter atingido os quarenta anos, Cecília é uma noiva muito bonita. Obviamente não tem mais a formosura de uma jovem, entretanto ainda desperta a atenção dos homens.

O noivo não cabe em si de felicidade. Finalmente, após tanto tempo de espera, consegue ter ao seu lado a mulher que amou por toda a vida. Muitos comentam que ela só está se casando porque já não rende mais o esperado na prostituição. José Antônio muitas vezes também agasalha tais pensamentos, mas tenta afugentá-los nos beijos e carícias da mulher amada.

Ambos sorriem e querem começar a vida nova longe daquele lugar. Ele vendeu tudo que tinha e já cuidou de todos os detalhes para a mudança. Viverão em outra cidade bem distante, onde possam esconder o passado e serem tratados sem preconceito. Cecília

tem se esmerado para tornar-se uma boa dona de casa e cuidar bem de seu marido.

A cerimônia é simples e o enlace é brindado com muito alegria pelos presentes. Após os cumprimentos de praxe, os noivos viajam cheios de esperança no futuro.

Capítulo V

Convivência

O casal se adapta muito bem à nova cidade.

José Antônio acorda cedo. Lava-se e faz a barba com a ajuda de um escravo. Logo após saboreia a primeira refeição. Cecília faz questão de acompanhar o trabalho da cativa.

O cheiro gostoso de café toma conta da casa e ela espera pelo marido com um sorriso, enquanto dá os últimos retoques na arrumação da mesa.

Com a boa vida, José Antônio engorda um pouco, mas ele não resiste aos bolos de milho, queijos, doces e geleias que a esposa providencia para mimá-lo.

Terminando o repasto, ele vai à biblioteca, onde se dedica às suas costumeiras leituras.

Quando chega a hora do almoço, aprecia deliciosas carnes, massas e doces. Para beber, vinho e licores. Após a sesta, cuida então dos negócios, que vão muito bem, rendendo mais do que na época em que era solteiro, isso graças aos seus experientes e dedicados sócios. Sendo assim, ele pode ter e oferecer mais conforto à companhia.

Todos os dias depois do jantar, sai para encontrar os amigos e muitas vezes discutir assuntos de trabalho. A bebida é presença constante nessas reuniões que terminam bem tarde. Mas ele é marido comedido e volta cedo. Não gosta de deixar Cecília longe de suas vistas por muito tempo porque uma dúvida o acompanha: “Será que algum dia aparecerá outro homem que a deseje como eu?”

Quanto mais ela se esforça para corresponder às expectativas do homem que generosamente a acolhe, mais dúvidas cria em sua alma. Quase não sai de casa, só observando a rua de trás das treliças das janelas. O seu único passeio semanal consiste em acompanhá-lo à missa aos domingos. Após o ritual religioso, pouco conversam com os presentes, atitude que causa estranheza. Mas José Antônio e Cecília pretendem fugir das perguntas embaraçosas e situações que evoquem um passado que eles não querem mencionar.

No caminho de volta, já dentro do coche, ele a observa e mais uma pergunta ecoa na angústia de sua alma: “Por que será que tanto ela pensa em me agradar?”

Com a convivência, cada vez mais Cecília aprende a respeitar e compreender as dificuldades de um homem que sempre foi colocado em segundo plano. E o entendimento dilata-se a tal ponto que transforma-se em carinho e não tarda a ser amor. Juntos, permanecem num clima de ternura pelo lado dela e desconfiança do lado dele. Cada gargalhada, cada gesto, fez com que José Antônio se lembre de que sua mulher foi uma prostituta. Por mais que tente se convencer do contrário, a sua é diferente das esposas dos seus amigos. Reconhece que ela fez para mudar, mas sempre por mais que ambos não queiram, o passado torna-se presente nos mínimos detalhes.

Vai ele e depois ela.

Agora no plano espiritual, onde a transparência é uma constante, juras de amor verdadeiro são feitas com promessas de um retorno próximo, porém, não antes de aprendizado apropriado para superar a dúvida que o impossibilitou de ser feliz.

Acreditando-se prontos, o reencarne se faz.

Capítulo VI

Revelações

César, após voltar ao presente, afirmou ao psicólogo:

– Reconheço em Cecília a minha Clarice e sei que José Antônio sou eu. Mas onde ele está?

– Um dia de cada vez. Retome as suas atividades, aprimore ainda mais seus sentimentos, dedique-se a cada sentimento, ao próximo e do passado, busque a lição para o presente.

César despediu-se de Guilherme e saiu a fim de retornar seus afazeres diários. E no trajeto foi impossível não pensar nas últimas revelações que tivera. Agora sim consegui entender muita coisa. Descobria finalmente a razão do incontrolável ciúme rtambém o jeito de ser de Clarice. Os seus modos extravagantes, que tanto o incomodava, tiveram sua origem na vida de cortesã. As risadas, a maquiagem carregada, as roupas de cores berrantes, a traição... Tudo era um atavismo daqueles tempos. Mas

precisava seguir os conselhos de seu terapeuta e guardar apenas o aprendizado daquilo que já viveram. Tentaria a todo custo não remoer lembranças que só trazia sofrimentos desnecessários. Quando estivesse frente a frente com Clarice dar-lhe-ia o seu perdão com esperança de também ser perdoado por ela.

César continuou seu trabalho com as flores que a cada dia ficava mais bonita. Fazia lindos ramalhetes que enfeitavam vários ambientes da colônia em que residia, até mesmo o consultório de Guilherme. E era com carinho especial que o jardineiro dedicava-se às margaridas, pois queria que elas estivessem sempre viçosas para serem oferecidas à Clarice no momento em que o encontro fosse possível.

Ampliou também seus conhecimentos por meio de leituras edificantes, da participação em grupos de estudos, de palestras e de vários outros recursos usados na cidade espiritual para esclarecer seus habitantes.

As sessões com o psicólogo também continuaram com o êxito esperado.

César era assíduo e colaborava o máximo possível com Guilherme. E numa bela tarde, após o trabalho, foi ter com seu grande amigo no além.

Ao chegar, foi recebido com o habitual abraço fraterno.

– Olá, meu irmão! Sente-se bem?

– Muito, amigo! Estou cada vez melhor, ainda mais agora que já entendo muitas coisas que aconteceram na minha vida.

– Fico feliz em saber disso e tenho notícias boas para você.

– Não me diga...

– Não, César, ainda não se encontrará com Clarice – disse o médico percebendo-lhe os pensamentos – mas daremos outro passo decisivo para que isso aconteça.

– O que é então? – perguntou-lhe o paciente ansioso.

– Você terá hoje mais algumas revelações sobre o passado.

– Outra regressão de memória?

– Negativo. São fatos que você não presenciou, mas que precisa saber.

– Como assim?!

– Bem, é melhor começarmos. Aí você vai entender melhor.

Guilherme o conduziu até o divã, fez com que ele relaxasse. Por um processo que escapava à

compreensão de César, foi-se-lhe revelando, desta vez, cenas de sua existência.

Clarice está no jardim aguardando suas margaridas. De repente solta o regador, leva a mão direita à cabeça e com a esquerda procura algum tipo de apoio que evite a queda inevitável. Fica caída no meio das flores até que a vizinha percebe o acontecido e vem em seu auxílio.

– Clarice! O que aconteceu?

– A moça abre os olhos e aos poucos vai retomando a consciência.

Fala comigo, filha!

– Ah, d. Maria, de repente me deu uma tontura tão forte e depois não vi mais nada.

– Você acha que já consegue levantar-se?

– Sim, senhora.

Apoiando-se na bondosa amiga, Clarice consegue chegar à sala.

– Deite-se aqui no sofá. Vou pegar um copo d'água.

– Muito obrigada. Nem sei como agradecer-lhe.

– Ora, que é isso, menina. Vizinha é para essas coisas.

A jovem dá um sorriso e seus olhos demonstram toda sua gratidão.

– Clarice, quando vim para cá pedi ao meu filho que me chamasse um médico.

– Não queria dar trabalho...

– Que trabalho, que nada! Temos que saber o que é isso!

– A senhora é tão prestativa que eu fico até sem jeito.

– Nem pense nisso! Daqui a pouquinho o médico que cuida da gente lá de casa estará aqui para lhe ver. Se quiser, o Ricardo vai à loja e avisa o César.

– Não, não! Para que preocupá-lo à toa? Ele já fica tão aflito de me deixar em casa sozinha – diz ela, decidida.

– Por falar nisso, onde está a Luzia?

– Hoje ela precisou sair mais cedo para visitar uma prima que está acamada. Mas ela nunca fica até o final da tarde porque a mãe dela é idosa e precisa de cuidados.

– Bem, você é quem sabe. Mas lembre-se de que estou aqui para tudo que precisar.

– A senhora senta-se numa poltrona próxima ao sofá e fica fazendo companhia a Clarice.

Algum tempo depois, um homem bem apessoado bate palmas na frente da casa de César.

– É ele! – diz d. Maria.

Ela faz com que o médico entre e o apresenta à moça.

– Clarice, este é o dr. Lourenço. É um ótimo profissional. Com certeza você vai gostar de se consultar com ele.

– Boa tarde, senhora.

– Boa tarde, doutor.

A vizinha, não querendo ser indiscreta, sugere:

– Posso fazer um chazinho para nós, Clarice?

– Fique à vontade, minha amiga! A casa é sua!

El se dirige à cozinha e começa a procurar nos armários os utensílios e ingredientes necessários. Enquanto isso, na sala, o médico começa a consultar. Após o exame habitual, ele diz:

– A senhora tem algum problema de saúde?

– Que eu saiba, não, senhor.

– O casal tem tentado um filho?

– Sim, há muito tempo tentamos e praticamente já desistimos.

Mas tudo leva a crer que, dessa vez, conseguiram.

O rosto dela ilumina-se e os olhos enchem-se de lágrimas.

– Ah, doutor. De outras vezes me iludi tanto e depois descobrimos que não estava grávida.

– E dessas outras vezes teve esses mesmos sintomas?

– Não.

– Então?! Já é mais um motivo para acreditarmos que está esperando um filho. Seu marido ficará feliz com a notícia.

– Ele não deve saber de nada por enquanto. As decepções anteriores foram muito dolorosas, doutor. Não quero que sofra novamente.

– Já que pensa assim, façamos o seguinte: esperamos mais um pouco e, quando tivermos certeza absoluta da gravidez, a senhora conta ao seu marido.

– É isso mesmo que vou fazer. Quando não houver mais dúvidas, aí, sim, ele ficará sabendo em uma ocasião muito especial.

– Ótimo. Até lá, preciso que vá ao meu consultório com certa frequência, para que possa examiná-la melhor, observar a evolução dos sintomas e confirmar o meu parecer.

Com um brilho nos olhos, sua esposa fala ao médico:

– Meu marido deverá ser o último a saber para que nossos planos se realizem.

César sai desesperado, andando como um autômato.

Nesse momento, d. Maria entra na sala, segurando uma bandeja com três xícaras de chá.

– Prontinho! Demorei um pouco porque custei a encontrar as coisas, mas acho que ficou bom.

– Eu sempre gostei de um chazinho, mas este será o mais gostoso que beberei na minha vida.

– Nossa, o dr. Lourenço faz milagres! Já sarou sem nem mesmo beber remédio!

E os três saboreiam a bebida entre sorrisos e conversando amenidades.

Capítulo VII

Sempre é tempo de refletir

Após a grande revelação, César estava estupefato. Guilherme nada disse, esperando que ele se refizesse.

Rompendo o grande silêncio que se fez, o paciente balbuciou:

– E... então e ... ela era inocente e estava grávida?

– Sim – respondeu o amigo, descansando-lhe a mão nos ombros, com a intenção de animá-lo.

– Meu Deus, eu sou um monstro!

– Não diga isso, meu irmão! Se o Criador, que tudo pode, não o condena, por que você há de fazê-lo?

– Mas depois do crime que eu pratiquei, o que posso pensar? Eu que sabia já ter errado tanto ao ser assassino de uma pessoa, mesmo sendo para defender minha honra, imagine agora que me foi revelado que

ela não me traiu e que ainda matei o meu próprio filho?! – disse, em prantos.

– Calma, César! O desequilíbrio só vai complicar a situação. Apesar de isso não justificar o crime, pense que eles são espíritos eternos e que continuam vivos – aconselhou o psicólogo, com uma emoção na voz que controlou a todo custo.

O paciente tomou fôlego e continuou:

– É duro confessar, Guilherme, matei a mim antes de matá-la, por que não vive quem se deixa enlouquecer de paixão e depois perde seu alvo de afeto! Mas você não pode imaginar a minha felicidade ao saber que ela não me traiu. Não, nunca. Meus ouvidos, minhas conclusões precipitadas, minha loucura traíram-me. Já estou imaginando tudo que terei que sofrer na próxima reencarnação!

O orientador aproveitou o momento e esclareceu:

– É certo que toda falta gera expiação, mas esta varia segundo a natureza e a gravidade do ato, podendo o mesmo erro ser expiado de formas diferentes, de acordo com as circunstâncias, atenuantes ou agravantes em que ele aconteceu. A duração da dor depende de nossa melhoria. Posso garantir-lhe que não existe um desvio do bom caminho que deixe de ser reparado pelo trabalho no Bem...

– Ah! Como me arrependo... – falou César, levando as mãos à cabeça.

Guilherme então continuou o esclarecimento:

– O arrependimento é o primeiro degrau para a regeneração, mas não basta. É preciso expiarmos e repararmos nossas faltas.

Percebendo a curiosidade e a atenção de seu paciente, ele continuou:

– O arrependimento, a expiação e a reparação são as três chaves que o Pai nos deu para apagarmos os traços de nossos erros e suas conseqüências. Quando nos arrependemos, suavizamos o amargor da expiação, isto é, do sofrimento, dando o primeiro passo para a reabilitação. Mas ela, a reparação, pode-lhes anular o efeito e destruir-lhes a causa. Se não fosse, o perdão seria um mero favor e não uma conquista do espírito.

César, admirado, comentou:

– Nossa! Como você entende das Leis Divinas!

– A teoria sem a prática, meu irmão, não adianta. Estudo muito, é verdade, entretanto ainda estou lutando para vencer as minhas muitas imperfeições.

Levantando-se, o outro disse:

– Agradeço a você a paciência que tem comigo e a relativa paz que me dá.

Os dois se abraçaram fraternalmente e César saiu com o intento de repousar um pouco e reorganizar as ideias.

Capítulo VIII

Finalmente, o reencontro

Os dias foram passando e as atividades na Espiritual transcorriam normalmente.

César aos poucos foi vencendo o desequilíbrio dos primeiros momentos que decorrem após as fortes revelações que tivera. Continuava se dedicando; Além de trazer-lhe calma, fazia com que por algumas horas esquecessem os fatos passados que ainda o torturavam. As visitas a Guilherme continuavam com a regularidade necessária e o estudo das coisas do espírito tomou-lhe o espaço maior na semana.

Um dia em que César estava no consultório, a certa altura da conversa, o terapeuta lhe disse:

– Amigo, precisarei sair por alguns minutos e gostaria que você aguardasse aqui.

O outro falou pensativo:

– Guilherme, se estiver muito ocupado hoje, não tem problema. Eu volto mais tarde. Não me incomodo nem um pouco. Fique à vontade para dedicar-se aos outros casos, que são muitos, bem o sei.

– Tranquelize-se – respondeu com a mão em seu ombro – entre nós não há cerimônia. Se não pudesse atendê-lo agora, falaria com certeza. Serão apenas alguns momentos.

– Se é assim, tudo bem.

Vendo-se sozinho no cômodo, começou a explorar o ambiente. Prestou atenção em coisas que jamais notara, sempre tão preocupado com os seus conflitos interiores. Admirou os quadros que retratavam belos lugares daquela colônia, dispostos de maneira tão simétrica.

Observou o vaso com as flores. Passou a mão pelo divã que tantas vezes sustentou seu corpo espiritual enquanto ele abria seu coração para Guilherme. De repente, teve a impressão de ouvir um ruído na porta. Voltou-se já esboçando o sorriso com que receberia seu querido conselheiro, e quando, para sua imensa surpresa, viu-se frente a frente com Clarice. E num impulso incontrolável, César jogou-se a seus pés, dizendo:

– Meu amor, perdoe-me! Eu estava cego de paixão! Você não imagina como sofro pelo mal que lhe fiz!

Clarice ajoelhou-se a seu lado e, levantando-lhe o rosto, disse com a voz meiga, na qual não se

encontrava nenhum vestígio de mágoa, por menor que fosse.

– Para que torturar-se por uma coisa que já aconteceu e não podemos mudar? Da mesma forma, já cometi erros e precisei do seu perdão. O que importa é que nada disso conseguiu nos separar definitivamente. Não estamos juntos agora? – disse ela, enxugando-lhe as lágrimas com as mãos.

– Você ficou com raiva de mim quando desencarnou? – perguntou ele, ansioso.

– Não – respondeu a moça, olhando em seus olhos. – Nada tenho a reclamar, pois fui eu quem plantei a dúvida em seu coração. Também fui muito amparada pelos mentores espirituais. Só fiquei desapontada ao constatar que você não confiava nem um pouco em mim, e trise porque não pude ser mãe de maneira como tinha sonhado. Por isso, não sofra. Eu, por não ter respeitado meu corpo na vida passada, comprometi minhas estruturas espirituais e, por causa disso, teria um tempo relativamente curto no mundo físico. A separação temporária será inevitável.

– Então nasci para ser assassino? – perguntou o marido, sem atinar no absurdo que estava dizendo.

– Claro que não. Jesus nos ensina que o escândalo é necessário, mas ai daqueles que o provocar. Deus não precisa de nossos erros para que Suas leis sejam cumpridas, mas se escolhermos lhes servir de instrumento, Ele respeita nossas vontades.

Contudo, não podemos esquecer de que as consequências de nossos atos nos alcançarão.

– É verdade. Só eu sei como paguei pelo meu desvario.

– O verbo não é pagar e sim crescer. E crescer significa na dor ou no amor, rumo à perfeição.

– Nunca poderia imaginar que estivesse grávida.

– Deus nos deu uma prova de que nossas preces nunca são perdidas, porque orei muito a Ele, pedindo um filho.

– E agora, Clarice? O que será de nós?

– Primeiro, é bom nos levantarmos – disse ela, com seu costureiro bom humor – pois somos mais úteis ao Senhor de pé, prontos para trabalhar nas fileiras do bem.

Feito isso, segurando as mãos da esposa, César confessou:

– Eu amo muito você.

– Eu amo muito você – repetiu ela.

Os dois sorriram.

– Você não sabe como eu senti falta dessa sua generosidade, da sua alegria. Você é a mulher mais linda e interessante que eu conheci na minha vida e, como prova disso, estou cultivando suas flores

prediletas para oferta-lhe sempre que nos encontrarmos.

– Obrigada. Mas não seria nas suas vidas?

– Ah, é! Não foi em uma encarnação só. Tem razão, nas minhas vidas.

– Viu como eu tenho boa memória? – brincou Clarice para descontraí-lo.

– Sofro sem você. Ainda aceitaria casar comigo?

– Sim.

– Não teria medo de mim.?

– Um grande sábio já disse que o único mal que devemos temer é aquele que ainda não existe em nós.

– Gostaria tanto de ter visto nosso filho nascer, de abraça-lo, de vê-lo crescer... Aliás, era filho ou filha?

– Filho...

César deu um suspiro triste.

– Não fique assim querido, você pode não tê-lo visto nascer e crescer, mas já pôde abraça-lo inúmeras vezes.

– O que quer dizer com isso?

– Que você o conhece e convive com ele.

– Continuo sem entender.

– Preste atenção que só darei mais uma dica, hein?! É o seu melhor amigo aqui na colônia.

Ele compreendeu, mas custava a acreditar...

– Guilherme?!

– Exatamente. Foi Luís de Souza Castro, o médico que tantas vezes fez com que fosse preterido, quando no bordel eu escolhia quem pagava mais. Ele havia para regressar conosco, buscando a harmonia necessária. E agora novamente solicitou estar a seu lado, pelo fato de ter sido médico na outra vida, iniciado nos estudos da alma humana, e já notava em você uma psicopatia. Então, divertia-se ao deixá-lo louco de ciúmes. Hoje, procura de todas as formas ajudá-lo a superar esse desequilíbrio.

– É incrível, Clarice! Deus é mesmo perfeito! Só não entendo por que nos separou por tanto tempo.

– Esse período foi necessário para que nos recompuséssemos e enxergássemos a situação com outros olhos. Além disso, não ficamos tanto tempo afastados. No dia em que você foi resgatado das zonas de sofrimento, eu estava ao seu lado, mas você não conseguiu perceber minha presença.

– Ah! Querida, que saudade! – disse ele, abraçando-a fortemente.

Ficaram assim por alguns instantes e Clarice quebrou o silêncio, dizendo:

– Que tal abraçarmos também nosso filho que está lá fora?

Os dois saíram de mãos dadas e após pequena caminhada, avistaram Guilherme sentado em um banco do agradável jardim que rodeava o edifício.

– Meu filho... venha cá! – disse César, emocionado, de braços abertos.

O amplexo se fez, e, em dado momento, o médico falou:

– Ora, pai, não vamos deixar a mãe de fora!

Então os três ficaram abraçados por alguns minutos. E, com os olhos marejados, fizeram sentida prece, em que agradeceram ao Criador todas as bênçãos e pediram uma nova oportunidade de retorno, afim de cumprir a programação que há tempo anelavam.

Terceira Parte

Outra Vez no Plano Físico

Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus, que veio à noite ter com Jesus e lhe disse:

– “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele”.

Jesus lhe respondeu:

– Em verdade, digo-te: “ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.”

Disse-lhe Nicodemos: – “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre da mãe para nascer uma segunda vez?”

Retorquiu-lhe Jesus: – “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai, o mesmo se dá com todo homem que é nascido de Espírito.”

(João, cap. 3:1-8).

Capítulo Único

Recomeço

Os raios do Sol iluminam cada canto da cidade. A luz dourada torna as cores mais vivas, o cenário é deslumbrante e uma brisa fresca alivia o calor do verão.

Caminhando pela rua, encontramos uma simpática residência com as janelas abertas e delicadas cortinas de renda.

A família que vive nela é composta de três pessoas: um jovem casal e seu filho que tem por volta de dez anos.

Eles aproveitam o sossego das tardes de domingo para fazer o culto semanal do Evangelho em seu lar.

O pai, após ler uma página edificante, faz a prece inicial. Em seguida, a mãe lê com voz suave e conhecida Passagem da Boa Nova, a pedido do menino:

– Certa vez, estando Jesus a ensinar, eis que se levantou um doutor da lei e lhe disse, para o experimentar:

– Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?

Respondeu-lhe Jesus:

– Que está escrito na lei? Como é que lês?

Tornou aquele:

– Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda tua força, e de toda a tua mente, e a teu próximo como a ti mesmo.

– Respondeste bem, disse-lhe Jesus. Faze isto e viverás.

Mas ele, querendo justificar-se, perguntou ainda:

– E quem é o meu próximo?

Ao que Jesus tomou a palavra e disse:

– Um homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos dos ladrões que logo o despojaram do que levava, e depois de o terem maltratado com muitas feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto. Casualmente, descia um sacerdote pelo mesmo caminho, viu-o e passou para o outro lado. Igualmente, chegou ao lugar um levita, viu-o e também passou de largo. Mas um samaritano que ia em seu caminho, chegou perto dele e, quando o viu,

se moveu à compaixão. Aproximou-se, deitou-lhe óleo e vinho nas chagas e ligou-as, em seguida fê-lo montar em sua cavalgadura, conduziu-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo:

– Toma cuidado dele, e o que gastares a mais pagar-to-ei na volta. Qual desses três se houve como próximo daquele que caíra nas mãos dos ladrões?

Respondeu logo o doutor:

– Aquele que usou como o tal de misericórdia.

Então lhe disse Jesus:

– Pois vai, e faz tu o mesmo.

(Lucas, cap. 10:25-37).

Quando ela termina a leitura, durante a qual o garoto permaneceu atento, agora está pensativo.

A moça então diz para sondar lhe o íntimo:

– Filho, você gostaria de comentar essa parábola, já que gosta tanto de ouvi-la?

– Ah, mamãe! Eu quero ser como o bom samaritano e sempre ajudar todos que encontrar no meu caminho. Quero ser um médico que ajude as pessoas a terem confiança em Deus e nelas mesmas, porque a dúvida destrói a vida de qualquer pessoa. Sabe? Eu acho que a insegurança faz muito mal para quem a tem e para as pessoas que o rodeiam. Meu

mestre será Cristo, que é o maior médico que o mundo conhece.

Os dois adultos entreolharam-se admirados com as reflexões tão profundas para uma criança daquela idade. O pai o incentiva dizendo:

– Muito bem. Então dedique-se aos estudos, nunca fuja do trabalho no Bem, assim atingirá seus objetivos, porque é isso que eu e sua mãe temos nos esforçado para fazer. E nunca se esqueça de que sempre poderá contar conosco.

O menino sorriu, agradecido pelas palavras de apoio.

E assim, depois dos comentários finais, ele mesmo fez a prece de encerramento da reunião.

– Querido Jesus! Obrigado pelas lições tão bonitas que nos deixou. Prometemos que sempre vamos nos empenhar para aprender e praticar todas elas. Pedimos que abençoe a nossa casa, e as casas do mundo inteiro. Assim seja!

E, nesse momento, César, Clarice e Guilherme, novamente juntos em oração, só que agora redivivos na carne, desfrutam de mais uma das incontáveis oportunidades que nos são concedidas pelo Pai para que cresçamos e nos aperfeiçoemos.

Quarta Parte

Apêndice ao Leitor

O Espiritismo

O ESPIRITISMO*

Não há no mundo nenhuma organização científica, filosófica e religiosa de bases tão sólidas quanto o Espiritismo, que já ultrapassou um século e meio de presença no planeta, atendendo às exigências das razões alheias, sem contudo afrontar as repressões científicas, quando surgem externando respostas que derrubam argumentos supostamente lúcidos, pela demonstração de fatos exatos.

Então, o Espiritismo trilha seu caminho sublime na terra, abrangendo os três campos por onde as criaturas humanas sempre esbarram com dificuldades e fizeram-na acumular angústias e elaborar conflitos, sem que, com tudo, tivessem plausíveis respostas. Então, ciência, filosofia e religião são analisadas com invejável beleza e sensatez por Allan Kardec, que sempre se colocou na condição de fiel executor dos propósitos dos Espíritos Superiores.

O Espiritismo avança, mas não atropela a Razão. Os críticos levantam-se, elaboram teses, e estas, se examinadas sem preconceito, não resistem por muito tempo, porque se veem impotentes perante os fatos que se repletam, se repetem, quando muitas vezes não se renovam, abdicando da própria característica precedente.

Assim como Jesus iniciou o trabalho de acordar razões, sem permitir que o sentimento permanecesse em lassidão, o Espiritismo, por sua vez, dá seqüência à tarefa inconcluída do Cristo, não por motivos de contratempos, mas, sim, aguardando a época propícia que habilitada estivesse a atender os anseios do progresso intelecto-moral que sobreviria fatalmente nos séculos vindouros.

O Espiritismo veio, portanto, e deu um basta ao fanatismo e à hipocrisia do passado, que se repetia no mundo moderado da época. Das vertentes da consoladora doutrina, emana a água cristalina e pura e, por mais que as mãos humanas tentem revolvê-la, não lhe desfigurarão a essência, porque ela está na ordem natural das coisas e acima da mesquinhez humana, quando pretenda apropriar-se por orgulho das coisas santas, como fez por muito tempo, sem atinar para as próprias atitudes. Embora pareça que não, segundo conceitos de alguns, a organização que se deu à época de Kardec, do Alto, em estratégias seguras e certas, permanece tão ativa quanto nos primeiros dias, em que o prof. Rivail se entendeu com “mesas”, até que fosse descoberta por trás delas o mesmo psiquismo humano, que, um dia, havia estado

na Terra e se mostrava íntegro e vitorioso após a passagem pelo túmulo.

Aos poucos, as sementes plantadas pelo Espiritismo vão despontando e a imortalidade da alma vai sendo confirmada a altos brados e o terrível adversário do homem vai perdendo seu vigor e seus adeptos vão se dispersando e reconhecendo que há uma espécie de consolo que lhes ameniza os refofos turbilhantes da alma. A doutrina codificada por Kardec sutilmente penetra nas raízes dantes vigorosas do Materialismo, e abre um leque de expectativas às criaturas humanas, chamando-as para assumir o papel de coparticipantes no destino de sua própria vida, esclarecendo que nada está escrito que não possa ser rasurado e reescrito por nossas condutas, porquanto os traços do destino estão inconcluídos, aguardando o desfecho que lhe possa dar o livre-arbítrio da própria pessoa.

Se essa doutrina satisfaz a Razão, também acalenta os corações alheios, porque nunca romperá os propósitos com o Mestre da Galiléia. A quantas pessoas o Espiritismo não terá devolvido a esperança, poucas não foram as que reencontraram a paz na página de um afeto querido, a elas endereçadas. Aos montes, identificamos os que hauriram nas suas lições os recursos para transformarem-se intimamente e os vemos, de meros Herodes, Pilatos, Césares, Hitleres, modificados em homens comprometidos com os estados oscilantes da consciência, até que possam, de fato, vibrar na direção do Amor, ao ponto de edificarem o Reino de Deus nas suas entranhas e daí

refletirem os sinais do Criador na direção do mundo. Quantas criaturas desequilibradas encontraram nele não um reforço para a progressão da loucura, mas, sim, o retorno à lucidez, tão-só porque voltaram a compreender que o exercício do Perdão tem abrangência que transcende nossas concepções atravancadas pela predominância de nosso personalismo!

Quantas mães, após terem bebido nas suas fontes, não recobram o ânimo abatido com a perda do filho querido e direcionaram este amor para outras crianças, reconhecendo que as fronteiras da consanguinidade devem ser derrubadas pelo nosso envolvimento com a dor alheia, que não cessa em parte alguma!

Quantos sovinas, folheando algumas das páginas dos livros dessa Doutrina não reconheceram que de nada lhes adiantaria amontoar tesouros e perder a alma e que o túmulo confisca qualquer apropriação indébita que a ambição reclame! Criaturas explosivas, com o tempo, tornaram-se brandas, ao contato dessas lições, e mais ponderadas tornaram-se ao ponto de olhar sem malícia, falar com sabedoria e caminhar com acerto!

Quantos corações desesperançados e às portas do suicídio não retornaram para os chamamentos da vida, depois de ouvirem expressiva lição que lhes tocou as fibras internas e desconhecidas! Qual Madalena, contam-se aos milhares aqueles que abandonaram as sendas do vício e de queda moral e se

levantaram, determinados, e foram comportando-se de maneira que os traços dos verdadeiros espíritas fossem identificados com segurança.

Vários lares reestruturaram-se sob a influência dessa Doutrina de Luz e milhares de instituições voltadas à seriedade filantrópica foram erguidas e resistem às dificuldades, explicando o uso da Fé Racional.

Por toda parte as sementes despontam e as bordas da estrada, dantes tomadas pelo mato bravo, propiciam o desabrochar das flores belas, que vão modificando o panorama terrestre, como a dizermos que logo a diante desta trilha, que já começa a modificar-se os frutos, retocarão a paisagem, aponto de não mais podermos encontrar qualquer semelhança com a paisagem precedente e lá notaremos que o Reino de Deus impera.

O Espiritismo é belo e inatacável em suas bases. Por intermédio dele, o Cristo labora e, descrucificado, caminha de novo por sobre o solo humano, qual se o vicemos de novo pisar no torrão da Judéia e adjacências ou pregar nos montes ou nas casas dos apóstolos ou de pessoas outras, qual se estivéssemos com Eles reunidos, uns aproveitando o solene momento, outros presentes e distantes pelo bloqueio gerado pela indiferença, outros mais absorvidos pelas preocupações terrenas comportando-se qual Marta irmã de Maria, visto que esta escolherá a parte boa e ultra, por causa dos afazeres domésticos, privou-se do contato com o Cristo ou de certa forma,

quem sabe, ainda nos comportamos como a população de Gadara, que, preocupada com a manada de porcos que se afogaram, pouco valor deu à cura do obsidiado e cercearam a aproximação de Jesus, o Mestre dos mestres. Somos, quem sabe, os companheiros que, diante de Jesus, se comportam como os nove leprosos, que se viram limpos do mal de Hansen e não retornaram para se quer agradecerem...

O Espiritismo acorda consciências e corações. E foi justamente isso que sucedeu ao longo das páginas deste livro. Companheiros voltados para o Bem ombrearam a par das dificuldades terrenas, dando prioridade ao ideal que os unia. Venceram o cansaço, colocaram a fé e a confiança no Plano Superior acima de qualquer coisa e envolveram-se para sentir de perto o drama alheio, porquanto os que assim não fazem, prestam auxílio a distância, ineficiente por isso mesmo.

Então, próximos à dor do próximo, insistiram nos propósitos do Bem, até que a sucessão dos fatos foi recolocando em doses homeopáticas a harmonia na vida daquelas criaturas desnordeadas e vítimas das próprias inconseqüências e do cultivo do ódio.

O Amor não somente cobre multidão de pecados, como também sustenta a harmonia do Universo. Através do sentimento do Amor, muitos ímpetos de agressividade são amainados. Através dele, muitos carmas são amenizados e os destinos alteram-se, motivados por gestos de bondade. (...).

*Transcrição parcial do capítulo final do romance *A Derradeira Esperança*, ne nossa edição, ditada pelo Espírito Yvonne Pereira, na psicografia do médium Aloar Borges Junior.

Referências em O Livro dos Espíritos* ² para estudo

Escolha das provas:

Pergunta 258 – Quando no estado errante e antes de se reencarnar, o Espírito tem a consciência e a previsão das coisas que lhe sucederão durante a vida?

Resposta: Ele próprio escolhe o gênero de provas que quer suportar e é nisso que consiste o seu livre arbítrio.

Não é Deus que lhe impõe, então, as tribulações da vida como castigo?

Nada ocorre sem a permissão de Deus, pois é Ele quem estabelece todas as leis que regem o Universo. Perguntai, então, porque faz tal lei ao invés de outra. Dando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade de seus atos e suas consequências, de maneira que nada entrava o seu futuro; o caminho do bem, como o do mal, lhe está aberto. Se sucumbe, resta-lhe a consolação de quem tudo se acabou para ele; Deus, na sua bondade, lhe dá a oportunidade de recomeçar o que foi mal feito. É necessário, aliás, distinguir o que é obra da vontade de

² *Edição IED, tradução Salvador Gentile.

Deus do que é da vontade do homem. Se um perigo vos ameaça, não foste vós que criastes, mas, Deus; contudo, pela própria vontade, a ele vos expondes porque vedes nele um meio de adiantar-vos e Deus o permitiu.

Pergunta 264 – O que dirige o Espírito na escolha das provas que quer suportar?

Resposta: Ele escolhe as que podem ser para ele uma expiração, segundo a natureza de suas faltas, e o faça avançar mais rapidamente. Alguns se impõem uma vida de misérias e privações para tentar suportá-la com coragem. Outros querem se experimentar nas tentações da fortuna e do poder, bem mais perigosas pelo abuso e mau uso que delas se pode fazer, e pelas más paixões que desenvolvem. Outros, enfim, querem experimentar-se pelas lutas que devem sustentar ao contato do vício.

Instruções dos Espíritos – Limites da encarnação

24 – Quais são os limites de encarnação? * ³

A encarnação não tem, propriamente falando, limites nitidamente traçados, se entende por isso o envoltório que constitui o corpo do Espírito, já que a materialidade desse envoltório diminui à medida que o Espírito que se purifica. Em certos mundos mais avançados que a Terra, ele já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte,

³ *De o Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo IV, edição IED, tradução Salvador Gentile.

menos sujeito às vicissitudes; num grau mais elevado é diáfano e quase fluídico; de grau em grau ele se desmaterializa e acaba por se confundir com o perispírito. Segundo o mundo a que o Espírito é chamado a viver, este toma o envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito suporta transformações sucessivas; ele se eteriza, cada vez mais até a depuração completa, que constitui os Espíritos puros. Se mundos especiais são destinados, como estações, aos Espíritos mais avançados, estes não estão ligados ali como nos mundos inferiores; o estado de desligamento em que se encontram lhes permite se transportarem por toda parte em que os chamam as missões que lhes são confiadas.

Se considera a encarnação sob o ponto de vista material, como ocorre sobre a Terra pode-se dizer que ela é limitada aos mundos inferiores; depende do Espírito, por conseguinte, dela se livrar, mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua depuração.

Deve-se considerar também que, no estado errante, quer dizer, nos intervalos das existências corporais, a situação do Espírito está em relação com a natureza do mundo ao qual se liga pelo seu grau de adiantamento; que assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido segundo seja mais ou menos desmaterializado. (São Luiz, Paris, 1859)

Do Código Penal da Vida Futura* 4

“(…)

1 – A alma ou Espírito sofre, na vida espiritual, as consequências de todas as imperfeições das quais não se despojou, durante a vida corporal. Seu estado, feliz ou infeliz, é inerente ao grau de sua depuração ou de suas imperfeições.

(…)

16 – O arrependimento é o primeiro passo para a melhoria; mas só ele não basta, é preciso, ainda, a expiação, a reparação. Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

(…)

27 – O meio de evitar ou tentar ou atenuar as consequências dos defeitos na vida futura é deles se desfazer, o mais possível, na vida presente; é reparar o mal para não ter que repará-lo, mais tarde, de maneira mais terrível. Quanto mais se tarda, em se desfazer dos defeitos, mais as suas consequências são penosas, e mais rigorosa deve ser a reparação que se deve cumprir.

(…)”

⁴ *Do livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, capítulo VII, edição IED, tradução Salvador Gentile, em transcrição parcial.